

O GUARDIÃO DA PEDRA DE FOGO

AS ESFERAS POSITIVAS E NEGATIVAS



RUBENS SARACENI



MADRAS

O GUARDIÃO DA PEDRA DE FOGO

AS ESFERAS POSITIVAS E NEGATIVAS

RUBENS SARACENI

Desde crianças ouvimos dizer que quando morremos vamos para o céu ou para o inferno. Fato concreto é que os seres humanos, depois de certo tempo no corpo carnal, desencarnam. Mas o que ocorre após o fenômeno chamado "morte"? Para onde vai o espírito que habita cada corpo? Por meio deste romance, Rubens Saraceni mostra que ao passar para o outro lado da vida é possível que o espírito humano possa ir para esferas elevadas (céu), para campos negativos (umbral) ou para o meio, ou seja, uma faixa vibratória que dá acesso ao céu, ao umbral e à terra.

Esse foi o caso de Celsus, que no plano material foi um dedicado médium umbandista conhecedor dos mistérios divinos, apenas transmitidos aos grandes iniciados. Desenvolveu o seu mistério silenciosamente e o sustentou enquanto lhe foi possível.

O mesmo anjo que depositou em Celsus um mistério divino, ao ver que ele esgotara a capacidade de compreensão desse mistério, deu-lhe um tempo para se reequilibrar e se habilitar para a fase seguinte, na qual retornaria ao mistério. E, assim, chegou o desencarne de Celsus, pois esse estágio seria realizado por ele no plano espiritual. Ele serviria ao em cima, ao embaixo e ao meio.

Sua árdua trajetória evolutiva no mundo dos espíritos é uma lição a todos que buscam conhecer o que ocorre após o desencarne e se aprofundar no estudo dos mistérios divinos.



Há muitos anos, o médium Rubens Saraceni, que tem uma enorme

quantidade de livros psicografados e dezenas deles publicados, recebeu um pedido dos Mestres da Luz, Cuias de Lei e de Umbanda, no qual solicitavam que as informações reveladoras, por eles transmitidas, não fossem apenas para seu bel-prazer, e sim para que, por meio dele, o conhecimento se multiplicasse. Com isso, Rubens começou a ministrar, em 1996, um curso simples e teórico de Teologia de Umbanda, visando a uma melhor formação do médium umbandista em relação aos Fundamentos da Umbanda. Desse convívio, Rubens se deu conta do valor do que tinha recebido, pois havia muitos anos que praticava a Magia Divina ensinada por seus Mentores, o que se mostrou fundamental na proteção daqueles que o procuravam.

Foi quando os Mestres da Luz ressaltaram a importância de se consolidar, no lado material, um Colégio nos moldes dos Grandes Colégios Astrais que sustentam toda a formação daqueles que se assentam à direita e à esquerda dos sagrados Orixás, Tronos e Divindades de Deus. Daí surgiu o Colégio de Umbanda Sagrada Pai Benedito de Aruanda, fundado em 13/5/1999, para dar formação e sustentação religiosa e magística. Mestre Seiman Hamiser Yê, um Ogum Sete Espadas da Lei e da Vida, assumiu a abertura da Magia Divina do Fogo no plano material, por meio de Rubens Saraceni, na qual são ensinados os fundamentos da Magia Riscada dos Orixás, a Grafia Sagrada, bem como a correta utilização magística das velas, suas cores e o elemento fogo na arte da Magia. O primeiro curso do gênero, aberto ao plano material por Mestre Seiman, e que deve ser o primeiro na formação do Mago, intitula-se "Magia das Sete Chamas Sagradas". Rubens é também o fundador do Colégio Tradição de Magia Divina, que se destina a dar amparo aos formados nas magias abertas aos planos material e espiritual.

OGUARDIÃO DA PEDRA DE FOGO

ÍNICIO

Às vezes, o Anjo da Morte nos pega desprevenidos para o último suspiro em nosso corpo e somos separados do plano carnal. Então, somos enviados à esfera espiritual correspondente ao estágio evolucionista que atingimos durante o tempo que vivemos no plano material.

Uns, por terem regredido, vão parar em esferas negativas, mais conhecidas como umbral. Outros acabam indo para as esferas positivas, ou céu.

Mas muitos nem sobem, nem descem. Acabam ficando no meio, ou em uma faixa que dá acesso ao céu, ao umbral e à terra.

Essa faixa é reservada a espíritos que, ou vão reencarnar logo ou se acham indecisos: não sabem se atendem aos chamados da razão e da consciência ou aos do emocional. Então se deixam guiar pelo instinto e acabam seguindo seus caminhos, ora no plano espiritual, ora no material.

Não que possam interferir no plano material, mas às vezes perturbam a vida dos encarnados com suas tentativas de comunicação, com suas vinganças pessoais ou com suas revoltas contra as leis da vida.

E mais ou menos isto foi o que aconteceu a um irmão nosso que chamaremos de Celsus, pois ele prefere não revelar seu verdadeiro nome.

Começaremos com um resumo da vida de Celsus no plano material, para que possam entender melhor o que aconteceu com ele, certo?

Celsus nasceu de uma mãe muito religiosa e temente a Deus. E desde a mais tenra idade, educou o filho na religiosidade.

Mas ele Celsus esgotou logo seu gosto e paciência com a religião. E se orava antes de dormir, era mais por medo da escuridão do que por amor a Deus.

O tempo passou, Celsus cresceu e, se ia à igreja de vez em quando, isto se devia a um casamento de algum conhecido ou às festas religiosas.

Mas ele também se casou e, com o tempo, problemas familiares, que aqui não abordaremos, conduziram-no a um centro espírita. Não que ele quisesse. Isso não!

Celsus foi conduzido por pessoas interessadas no seu bem e no de sua família.

Finalmente ele cedeu e foi ao centro. E por razões outras, acabou-se encantando com o que viu, pois uma de suas faculdades encontrou ali um vasto campo para se desenvolver. Essa faculdade pertence ao dom do conhecimento, ou virtude, como outros preferem chamar.

Celsus aprendeu rapidamente que não precisava temer o outro lado da vida, pois os tabus que o assustavam podiam ser anulados com a luz dos conhecimentos dos espíritos.

Ele acabou, após a segunda sessão, pedindo permissão para se sentar ao redor da mesa branca. E alguém se manifestou. Mas a curiosidade e a pressa em aprender, sentir e participar era tanta naquele irmão, que ele atropelou os planos traçados para ele por espíritos mentores de esferas elevadas.

Celsus atropelou todo um plano espiritual elaborado por mentes altamente desenvolvidas e muito racionais.

Aí todo um processo foi aberto de uma só vez, e uma avalanche de espíritos começaram a se manifestar em Celsus ou ao redor dele. E tudo fugiu do controle de seu mentor espiritual.

Então ele acabou indo para um centro de Umbanda. Lá foi muito bem recebido; amou a Umbanda de imediato, e a ela se entregou de corpo e espírito.

Em poucos anos, Celsus concentrou ao seu redor tanto poder espiritual que causava inveja em outros médiuns. E como a inveja é negativa, ele começou a receber choques e mais choques de ordem espiritual.

Era o preço do brilho da Fênix que tinha de ser pago.

Se a Fênix, com seu brilho, oculta o de outros astros, que ela seja apagada para que os outros possam brilhar.

Celsus se recolheu, e a Fênix que encantava os Orixás e incomodava os invejosos deixou de brilhar na Coroa Estrelada da Lei de Umbanda.

Mas ele havia aprendido muito e alcançado uma bênção divina da maior grandeza: um Anjo depositou naquele homem um mistério divino, que até hoje vive nele.

Com seu vasto conhecimento sobre os mistérios divinos, só do conhecimento de grandes iniciados, Celsus realizou seu mistério silenciosamente e o sustentou enquanto lhe foi possível.

O Anjo, quando viu que ele esgotara sua capacidade de compreensão do seu mistério, deu-lhe um tempo para se reequilibrar e se habilitar para a fase seguinte, quando retornaria ao mistério.

Então veio o desencarne de Celsus, pois o segundo estágio do seu mistério ele teria de realizar no plano espiritual. Mas como ainda não se encontrava apto, o Anjo achou por bem dar a ele mais algum tempo antes de convocá-lo para esse segundo estágio.

Afinal, se Celsus se recusava a se "angelizar", não seria um Anjo quem iria obrigá-lo se tornar e se sentir um, certo?

Se isso lhe havia sido facultado, foi porque suas realizações silenciosas o elevou muito e o afastara do materialismo terreno.

Celsus viveu seus últimos anos no plano terreno como se vivesse um tormento, pois não mais se sentia bem com as coisas materiais.

Mas também vivia isolado das coisas religiosas abertas.

Ele se isolara no meio de uma multidão. E se recusava sistematicamente a retornar ao seu grau.

Quando a Fênix poderia brilhar à vontade, sem que ninguém mais tentasse apagar seu brilho, Celsus a ocultou em si mesmo. Sua estrela não voltou a brilhar!

Ele sentia com muita intensidade o latejar das mágoas antigas, quando teve de voltar todo o seu poder e conhecimento contra os que queriam apagar sua estrela, pois se não lutasse por ela, pereceria!

Foi uma reação que o magoou demais. E nenhum Orixá teve coragem de obrigar Celsus a retornar ao seu grau de sacerdote, pois havia perdido o gosto pela sua missão.

Ele só aguardava seu dia chegar para nunca mais olhar para trás, onde ficaria o plano material da vida. E esse dia chegou.

Celsus sentiu uma dor aguda no peito, desfaleceu e, quando acordou, já pertencia ao plano espiritual.

É aqui que iniciamos nossa história sobre Celsus, um irmão muito querido, mas que também nos deixou para trás.

Por quê?

Bom, no decorrer desta história o próprio Celsus dirá o porquê. Serão nos seus diálogos com outros espíritos que as suas mágoas se revelarão e mostrarão que ele, que tanto havia aprendido, não aprendera a amar aqueles que tanto o amavam e ainda o amam até hoje. Porém, não o procuraram após seu desencarne, pois Celsus praticamente havia se esquecido deles.

No seu isolamento no plano material, ele se esqueceu dos seus irmãos espíritos que também brilharam ao seu lado.

Celsus não queria relembrar nada do que havia vivenciado no corpo carnal, pois nele não via as vitórias. Só as derrotas ele conseguia vislumbrar.

Ele não via que, se teve de recuar, foi para manter viva a Fênix, que era ele mesmo.

E Celsus se viu, logo após recobrar os sentidos, em um leito hospitalar.

Aos poucos foi recobrando os sentidos e se localizando. Viu-se coberto por alvíssimo lençol e percebeu que estava deitado em um leito macio. Começou a sentir o próprio corpo e percebeu que estava nu.

— Que estranho! — pensou ele — Internaram-me e nem um pijama me vestiram! Além do mais, não sinto dor alguma. Por que estou assim? Será que vou ser operado? Só me faltava essa!

Celsus acomodou-se melhor e ficou recostado na cabeceira da cama. Logo a porta se abriu e uma enfermeira entrou no quarto, indo diretamente para ele e perguntando-lhe:

— Como está, irmão?

— Ótimo. Só não sei por que estou aqui. Foi apenas um desmaio à toa. Já estou bom!

— Não foi só um desmaio irmão. Você desencarnou!

— O quê??!!!

— Não se desequilibre, por favor.

— Não vou me desequilibrar, senhorita. Mas vamos esclarecer bem o que aconteceu comigo, certo?

— Certo! Você foi desligado do seu corpo carnal e agora está em um hospital espiritual.

— Não é possível. Você é tão carne quanto eu!

— Eu não sou, nem você é.

— Prove-me!

— Um momento! — e a enfermeira desapareceu da frente de Celsus, para a seguir tornar a entrar pela porta.

— Que truque mágico! — exclamou Celsus admirado.

— Não é truque nenhum, seu tolo. Eu volitei até o corredor. Só isto!

— Volitou?

— Isto mesmo.

— Então, é verdade. — falou Celsus, ficando a seguir muito pensativo.

— Preocupado, irmão?

— Estou pensando, senhorita.

— No quê?

— Se ainda me recordo do que aprendi sobre isto tudo. Será que consigo?

— Volitar?

— Sim.

— É muito recente a sua passagem, irmão. Aguarde algum tempo antes de tentar.

— Demora muito?

— É só um período de adaptação. Mas logo estará apto a se mover por meio da volitação.

— Bom. Muito bom! Finalmente estou livre.

— Ficou feliz com a sua passagem?

— Muito. Eu já não suportava mais viver no plano material. —Foi muito difícil?

— Para mim foi insatisfatório, decepcionante e infeliz. Espero nunca mais reencarnar, senhorita.

— Logo sentirá saudades dos que ficaram, irmão.

— Pode ser. Mas até que eu venha a sentir saudades, não quero me lembrar de minha vida no plano material. O meu corpo retornou ao pó. Finalmente estou livre!

— Até que enfim vejo um espírito feliz.

— Onde consigo roupas para cobrir meu corpo?

— No armário. Escolha uma que goste e vista-a.

— No armário?

— Isso mesmo. Vá até ele e escolha uma, irmão.

— Depois que a senhorita sair daqui, farei isto.

— Eu não vou sair. Vim para levá-lo até a sala do doutor Fábio.

— Quem é ele?

— É o responsável por este hospital. Ele quer conhecê-lo e falar-lhe.

— Por quê?

— Não sei. Vá apanhar suas roupas, irmão!

— Negativo. Ou você sai ou não saio daqui.

— Eu já o vi nu, irmão. Ou achaque esta é a primeira vez que venho a este quarto?

— Você fez isto?

— Claro. Gosto de saber como estão os corpos espirituais dos recém-desencarnados.

— O que achou do meu?

— Ótimo. Não trás nenhuma deformação, e olhe que o examinei dos pés até a cabeça.

— Examinou mesmo?

— Isto mesmo. Agora pare com esta vergonha boba e vá se vestir, pois o doutor tem muitos afazeres, irmão.

— Bem, foi você quem insistiu, certo?

E Celsus se levantou. Caminhou até o armário, mas quando foi abri-lo, despencou no solo.

— É, você não está tão bem quanto aparenta. Ainda falta habituar-se ao seu novo meio! — exclamou ela rindo — Vamos, dê-me suas mãos que o ajudo a se adaptar ao novo meio, irmão.

Celsus estendeu as mãos para ela, que o levantou e o ajudou a caminhar.

— Feche os olhos, irmão. Só sinta onde pisa, certo?

E com as instruções dela, logo Celsus abriu os olhos e caminhou bem. Então abriu o armário e apanhou uma roupa branca mais ao seu gosto.

Mas quando se virou, notou que a jovem o olhava com olhos não muito profissionais. Aí falou:

— Escute, você me olha como enfermeira ou como mulher?

— Por que esta pergunta sem sentido, irmão?

— Você finge vigiar meus passos, para ver se minhas pernas não amolecem novamente, mas na verdade me olha com certa curiosidade.

— É agradável admirá-lo, irmão.

— Legal! Uma enfermeira tarada.

— Não sou tarada! — respondeu ela, ofendida.

— Mas que parece, parece!

— Posso ser carente, mas, tarada, tenho certeza de que não sou.

— Então tire esses olhos de cima de mim, certo?

— Mas você é tão atraente!

— Eu ou meu corpo? — perguntou Celsus.

— Os dois. — respondeu ela, aproximando-se o bastante para tocá-lo.

— Deixe-me vestir logo, senão você vai acabar atacando-me!

— Você não gosta de ser apreciado por uma mulher?

— Não é isso, senhorita. — respondeu Celsus, já vestindo a calça.

E quando se vestiu, falou:

— Estou pronto, senhorita.

— Que pressa de ocultar seu corpo de mim!

— É melhor assim.

— Será?

— Tenho certeza que sim. Você nunca viu um homem antes?

— Não igual a você.

— Eu sabia!

— O quê?

— Que logo que uma mulher me visse ia querer abraçar-me.

— Você é tão bonito! Depois eu posso abraçá-lo?

— Negativo.

— Como é egoísta!

— Escuta, eu não estou a fim, certo?

— Afim do quê?

— De ter este desejo despertado. Não agora, certo?

— Quando irá despertá-lo?

— Não sei. E nem tenho pressa. Vamos ao doutor?

— Nem uma cariciazinha ao menos?

— Não, não e não!

— Tudo bem. Não precisa ficar zangado!

— Vamos ou não?

—Vamos, egoísta antipático. — concordou a enfermeira, muito contrariada.

Celsus a seguiu por intermináveis corredores até chegarem a uma porta que indicava a sala do doutor Fábio. A jovem abriu a porta e entraram em uma ante-sala. Ela apontou para uma poltrona e falou:

— Espere aqui, que vou avisar o doutor.

Pouco depois, voltou e disse:

— O doutor deve ter ido visitar algum paciente. Vou procurá-lo.

Assim que ela saiu, Celsus, muito curioso, espiou o interior da sala do doutor e viu sobre uma mesa uma pilha de pastas. Não resistiu e adentrou na sala, indo bisbilhotar. Ao olhar para a pasta de cima, viu um nome desconhecido. Levantou-a e viu na de baixo o seu nome.

Mais curioso ainda, apanhou-a e viu o que havia escrito na capa dela.

Era um resumo de sua vida no corpo carnal. Abriu a pasta e viu uma detalhada biografia sua.

Como Celsus havia aprendido certas magias e meios mágicos, espalmou a mão direita um pouco acima da pasta e fez uma cópia dela. Agora tinha duas biografias suas à sua frente. Recolheu uma por meio de um procedimento mágico e, com a outra, usou do seu poder e apagou tudo o que de escrito nela havia, deixando apenas o resumo.

Olhou para o monte de folhas em branco e sorriu maroto. Recolocou a pasta no seu lugar, a outra por cima, e saiu da sala voltando a sentar-se na poltrona.

Só muito tempo depois surgiu a enfermeira e um senhor extremamente radiante. Celsus sentiu um magnetismo impressionante naquele homem de feições nobres e olhos penetrantes que, sorridente, saudou-o:

— Salve, irmão! Bem-vindo ao nosso plano!

— Olá, doutor. Puxa, que poder o senhor irradia! É como eu lia nos livros espíritas!

— Você lia?

— Sim, senhor.

— E praticava o espiritismo?

— Não. Mas tinha muitos conhecidos que eram médiuns, doutor. Eram pessoas maravilhosas.

— Foi por causa de uma dessas pessoas maravilhosas que o deixei aqui à minha espera, irmão. Fui acompanhar o desencarne de um médium magnífico. Dedicou toda a sua vida em prol da humanidade.

— Que bom... — murmurou Celsus — Quer que eu volte outra hora, doutor?

— Por quê?

— Ora, deve querer ficar a sós após ver um amigo morrer, não?

— Meu pai! Irmão, que conversa mais sem sentido! Eu não vi um amigo morrer. Isto é coisa dos encarnados! Eu fui acompanhar a passagem de um irmão nosso e humilde servo do nosso senhor Jesus Cristo. Tantos eram os méritos dele, que preferi ir pessoalmente desligar seu espírito do corpo carnal.

— Que distração a minha. Desculpe doutor, mas eu já havia me esquecido de que também morri.

— Irmão, você não morreu!

— É isso. Passei de um lado para o outro, certo?

— Exatamente. Vamos entrar em minha sala, pois preciso examiná-lo.

— A enfermeira já me examinou e disse que estou ótimo doutor.

— Ela o examinou enquanto ainda estava no que chamamos de transe da passagem, irmão. Mas agora que está plenamente consciente, preciso examiná-lo melhor. Acompanhe-me, por favor.

— Tudo bem. Mas lhe asseguro que estou ótimo, doutor.

— Isso veremos daqui a pouco. Dispa-se e deite-se naquela cama atrás do biombo, irmão!

— De novo? Não dá para me examinar com a roupa?

— Por favor, irmão, atrás do biombo! — exclamou o doutor Fábio procurando a pasta com os dados de Celsus. Apanhou-a e o acompanhou até o biombo. Então começou a examiná-lo acuradamente, acompanhado da enfermeira. E quando o exame prolongou-se, Celsus, contrariado, perguntou:

— Isto é mesmo necessário, doutor?

— Preciso anotar seu estado e o do seu corpo espiritual, irmão. Mas não se preocupe, pois é um exame que fazemos em todos os que são enviados para este hospital.

— Estou bem, não estou?

— Está sim. Mas preciso examiná-lo, ainda que se sinta incomodado.

— Seja rápido, por favor. Não me sinto muito à vontade sem roupas, doutor.

— Logo termino.

E após correr os olhos pelas pernas e pés de Celsus, o doutor falou-lhe:

— Está tudo muito bom, irmão. Pode se vestir para iniciarmos o exame emocional.

— Exame emocional? Isto é novidade para mim, doutor! — falou Celsus admirado, já se afastando.

— Ou psicológico. — respondeu o doutor, sem se deter.

— Ah! — exclamou Celsus, indo apanhar suas vestes, sob o olhar ávido da enfermeira, que não desviava os olhos dele. E quando Celsus ajeitou o corpo dentro da calça, ela perguntou:

— Quer ajuda?

— Não. Certas coisas ainda posso fazer sozinho, senhorita.

— Mas outras não.

_ É, outras não dá mesmo.

_ Posso ajudá-lo nesse sentido, Celsus.

_ Se eu precisar lhe aviso, está bem?

— Vou aguardar.

— Isto mesmo. Aguarde! — falou Celsus, dando as costas a ela e dirigindo-se à mesa do doutor, que leu o resumo da vida *dele*. Assim que se sentou na cadeira. Mas, intrigado, olhava para as páginas em branco.

— O que é isto aqui, irmã Sueli? — perguntou o doutor.

— Do que se trata, doutor? — quis saber ela, curiosa.

— Nosso irmão Celsus não fez nada que merecesse ser anotado? Está tudo em branco!

Eu não tenho o hábito de bisbilhotar, doutor.

— Sei disso, mas por que me enviariam uma pasta apenas corri o resumo da vida carnal desse nosso irmão?

— Vai ver que ele não fez nada, doutor. — respondeu ela.

— Quem o trouxe até aqui?

— Não sei. Foi a irmã Maria quem recebeu esse irmão nosso. Mas, como vários chegaram ao mesmo tempo, ela o confiou a mim.

_ Vá chamá-la, irmã Sueli. — ordenou o doutor.

Pouco depois, Maria surgiu na frente do doutor Fábio, que lhe perguntou:

— Quem nos encaminhou o irmão Celsus?

— Não sei, doutor. Eu nunca havia visto aqueles espíritos antes.

— E você não perguntou nada a eles?

— Não tive tempo, doutor! Chegaram ao mesmo tempo cinco espíritos.

— Compreendo. Obrigado, irmã Maria!

— Com sua licença, doutor. — Maria volitou e desapareceu. Então o doutor, olhando fixamente para os olhos de Celsus, perguntou:

— Quais foram suas boas ações, feitas em nome do nosso senhor Jesus Cristo, irmão Celsus?

— Bom, criei meus filhos até o meu desencarne.

— Só isto?

— O que mais eu poderia ter feito, se quem precisava de ajuda era eu? Ao senhor Jesus Cristo, lembro-me de ter orado muitas vezes pedindo sua ajuda, tanto para mim como para meus filhos.

— Nada mais, irmão Celsus?

— Bom, eu sempre fui muito cioso quanto ao meu trabalho. — Trabalho? Que tipo, irmão?

— Primeiro, como empregado, e depois, como dono do meu próprio negócio, doutor.

— Mas isto, para nós, não conta, irmão Celsus.

— Como não? Trabalhei desde os 12 anos de idade, doutor. E nunca roubei ou matei ninguém.

— Não é disso que estou falando.

— Estou sendo avaliado emocionalmente ou estou sendo submetido a um julgamento? Se o senhor é um juiz, então devia ostentar uma toga, certo?

— Não é nada disso, irmão Celsus!

— É claro que é. Pelo que já percebi, para cá só são enviados os bons, tal como o seu irmão que desencarnou há pouco. Mas, tudo bem! Eu já estou acostumado a ser visto como um inútil. Não se preocupe com o engano de quem me trouxe. Vai ver que ele se enganou de endereço, certo?

— Para quê? Aqui só deve ter espíritos estudados, sábios e poderosos, não?

— Este hospital é um local de recepção de espíritos que evoluíram muito e merecem dar continuidade às suas missões iniciadas no corpo carnal.

— Estou fora! Não tenho de dar continuidade a nada. Para mim, tudo morreu com meu corpo carnal, doutor.

— Encontraremos uma ocupação na qual poderá recuperar seu tempo e evoluir, irmão Celsus.

— Não se preocupe comigo, doutor. Sei me virar sozinho. Onde fica a saída?

— Irmão Celsus, eu vou encaminhá-lo. Acalme-se, sim?

— Nada disso, doutor. Eu me encaminho à saída e ao início de uma nova vida para mim.

— Mas...

— Obrigado pelo tempo que fiquei aqui. Se devo alguma coisa, paciência, pois não tenho com o que pagar.

— Não nos deve nada, irmão. — respondeu o doutor, contrariado.

— Ótimo. E já que esta pasta não contém nada mesmo, pode devolvê-la?

— Para que a quer?

— Bom, quando eu encontrar um local onde espíritos iguais a mim são enviados, eu a mostrarei na recepção.

— Não posso fazer isto, irmão Celsus.

— Esta pasta se refere a mim, não?

— Sim. Se bem que, além de um resumo, ela nada contenha. Para mim é o bastante. E como meu nome está aí e a mim ela se refere, então tenho todos os direitos sobre ela. Eu a quero, doutor!

— Para quê?

— Talvez um dia eu encha todas estas folhas em branco com o que anotarei de agora em diante.

— O que vou dizer a quem vier procurá-lo?

— Nada, oras! Todas estão em branco!

— Mas, irmão!

— Sem essa, doutor. Já o ocupei por muito tempo, e tudo por nada. É hora do senhor ir cuidar de coisas mais importantes. — e apanhando a pasta das mãos do doutor, que nada fez além de soltá-la, perguntou:

— Não tem aí uma caneta ou lápis sobrando, doutor?

— Uma caneta?

— Isto mesmo. Estou vendo várias aí na sua mesa!

— Escolha a que mais lhe agradar, irmão. Talvez um dia consiga ocupar com boas ações todas as páginas em branco de sua última encarnação.

Após apanhar uma caneta e guardá-la no bolso da camisa, Celsus respondeu:

— Tenho toda a eternidade para isto, doutor!

— Talvez não tenha tanto tempo assim, irmão.

— Só o tempo poderá mostrar se tenho ou não, certo?

— Certíssimo, irmão Celsus.

— Então não vou perder nem mais um minuto. Obrigado, doutor! Até a vista, enfermeira tarada! —exclamou Celsus, saindo às gargalhadas e deixando atrás de si dois espíritos atônitos.

O doutor exclamou:

— Ou este Celsus é um sarcástico ou é um idiota!

— Para mim, ele é um egoísta idiota.

— Talvez os idiotas sejamos nós, irmã Sueli. Ele estava muito feliz e autoconfiante.

— Imagine que o egoísta ficou feliz quando soube que havia desencarnado!

— Por que o chama de egoísta, irmã?

— O senhor viu tão bem quanto eu que ele tem muita energia, certo?

— Sim, eu vi. Mas o que isto tem a ver com egoísmo?

— Bem, eu gostei dele e insinuei que seria uma satisfação receber parte daquelas energias.

— Você fez isto, filha?

— Não vejo nada errado em receber um pouco daquelas energias tão puras.

— Por acaso lhe ocorreu que ele desencarnou há pouco tempo e ainda trás em si um modo de ser, pensar e agir diferente do nosso?

— Nem me lembrei disso. Aquele corpo tão irradiante me hipnotizou, papai.

— Vá atrás dele e convença-o a voltar. Talvez descubramos alguma coisa que ele astutamente ocultou de nós.

— Ele me chamou de tarada, papai! — argumentou Sueli, contrariada com a sugestão do pai, que também dirigia aquele hospital astral. Mas, assim mesmo, ela foi.

Mais tarde, retornou à sala do pai e, desanimada, comunicou que não encontrou Celsus em lugar nenhum. Contrariada, exclamou:

— Eu fui uma idiota, papai. Ensinei aquele ingrato a voitar, quando o que deveria ter feito era amarrá-lo naquela cama!

—Filha!

— Desculpe-me, papai. Reconheço que estou errada!

— Venha, abrace-me para que eu doe um pouco de energias para reequilibrá-la emocionalmente.

Quando o doutor abraçou Sueli, ela começou a soluçar e falou:

— Gostei tanto dele, papai!

— Ou da energia dele, filha?

— Também, papai. Mas eu vigiava o desfalecimento dele e o olhava. Aos poucos, fui me sentindo diferente. Sonhadora, mesmo!

—Eu a compreendo filha. Eu a compreendo, filha do meu amor!

— O senhor é tão generoso comigo, papai.

— Separemo-nos, pois alguns irmãos nossos estão se dirigindo para cá.

Assim que se separaram, Maria entrou na sala acompanhada de vários espíritos muito luminosos, que saudaram o doutor Fábio.

E após os abraços fraternais, um deles se dirigiu a Sueli e perguntou:

— Irmã amada, como está o nosso irmão Celsus?

— Não está mais aqui, meu senhor. Ele se foi!

— Quando?

— Há algum tempo.

— Para onde?

— Não sei. Acho que ele volitou de volta ao plano material, pois ensinei a ele como fazer isto.

— Você o viu voitar?

— Não. Só ensinei-lhe como fazer para se transportar de um lugar para outro.

— Nós viemos da casa onde ele residia, e lá ele não apareceu, irmã.

— Quem era Celsus? — perguntou o doutor Fábio.

— Não leu o relatório que lhe enviamos, irmão?

— Não havia nada escrito além do resumo inicial, irmão Guardião da Lei.

— Havia sim. Eram páginas e mais páginas, cheias de ações por ele realizadas sob nossa guia.

— Ele foi o médium que...

— Exatamente! — atalhou o Guardião da Lei — Sob a nossa guia e intuição ele resgatou nossa irmã Sueli de um abismo impenetrável.

— Por quê? — perguntou o doutor.

— Por que o quê, irmão doutor?

— Por que nada estava escrito nas folhas?

— Mas estava, doutor!

— Por Deus! Eu não iria me enganar, pois folheeí toda aquela pasta. E mentir não é hábito meu!

— Tudo está bem, irmão curador. Acho que já sei o que aconteceu.

— Então me diga, pois me senti um idiota quando ele saiu por aquela porta.

— De alguma forma, Celsus descobriu o nosso relatório e o apagou. Só não sei como ele teve acesso a ele, irmão curador.

— Minha filha o deixou na ante-sala e saiu à minha procura. Celsus teve tempo de sobra para fazer o que imagina, irmão Guardião da Lei.

— Então Celsus entrou na sua sala e, ao ver seu nome em uma pasta, abriu-a. E, ao ver o que nela havia, usou de um dos seus poderes e apagou tudo, deixando-o sem informações sobre ele.

— E me enganou em todos os sentidos, pois tirou de minhas mãos a pasta em branco. Que espertalhão!

— Muita esperteza, doutor!

— Por quê?

— Celsus deve ter imaginado que assim se desligaria do seu passado. Mas é tão fácil localizá-lo!

— Irás atrás dele, irmão Guardião da Lei?

— Não. Se Celsus quer esquecer, só estará livre do seu passado se não for incomodado por nós. Deixemos ele trilhar o caminho que escolheu, pois conosco já cumpriu sua parte.

— Se eu ao menos soubesse!

— Celsus o iludiria, irmão curador. Poder para tanto ele possui.

— É possível. — confirmou o doutor Fábio.

— Nós vamos retornar às nossas moradas, irmão curador. Que as bênçãos do nosso Senhor se multipliquem sobre sua vida, irmão amado!

Os espíritos servos da Lei se foram, deixando um doutor a meditar e uma Sueli a soluçar de tristeza e decepção.

Celsus já ia longe em um caminho por ele escolhido. Caminhava despreocupadamente e curioso com o campo à sua volta. Quando viu que aquela estrada não levava a nada, saiu dela e avançou pelo campo à sua direita. Quando anoiteceu, deitou-se sobre uma relva macia e ficou a contemplar o céu estrelado.

Havia tantas estrelas que ele ficou encantado e começou a procurar alguma que conhecia do plano material. Mas, após vasculhar todo o firmamento, desistiu de localizá-las em meio a tantas outras.

Quando amanheceu, ele continuou a caminhar pelos campos, mas sem um rumo definido. Quando avistava algo, para lá Celsus se dirigia e observava bem o que atraía sua atenção.

Estudava, a partir do seu limitado conhecimento, plantas, flores, frutos, árvores, palmeiras e nascentes de águas ou riachos que existiam naqueles campos.

Muitos dias se passaram até Celsus avistar um campo florido que parecia não ter fim. Avançou no meio das flores e perdeu a noção de rumo após andar muito.

Quando anoiteceu, observou uma estrela e por ela se guiou, caminhando até o amanhecer.

O dia clareara totalmente quando ele avistou um pomar. Correu para ele e, ao ver os apetitosos frutos, não resistiu. Pedindo licença à natureza, apanhou alguns frutos e os saboreou rapidamente.

Assim que acabou de comê-los, exclamou:

— Isto aqui é o paraíso de Deus! Esta é a terra prometida aos viajantes do deserto! E eu a encontrei! Eu sou um descobridor de terras! Será que Colombo se sentiu tão feliz assim quando descobriu as Américas?

—Acho que mais, irmão. Esta aqui já foi descoberta há muito tempo! —falou alguém atrás dele, e se virou assustado.

— Quem é o senhor? — perguntou Celsus.

— Sou o mestre Giacomo, irmão. E você, quem é e de onde vem?

— Eu sou Celsus, senhor. E venho de muito longe.

— De onde exatamente, Celsus?

— Do plano carnal ou material. Desencarnei e me vi muito distante daqui, em um local totalmente desconhecido, mas em tudo parecido com a terra. Então resolvi avançar à procura do meu destino no mundo espiritual.

— E o encontrou, Celsus?

— Acho que não. Estes campos já lhe pertencem, mestre Giacomo! Mas um dia acabo encontrando um campo parecido com este, onde poderei estudá-lo à vontade.

— Você, apesar de aparentar pouca idade, parece um pouco cansado.

— Já faz muito tempo que caminho sem rumo!

— Só por isto está cansado, Celsus?

— Acha pouco, mestre Giacomo?

— Para mim é.

— Mas para mim, que só vaguei por campos vazios e estradas desertas, a solidão é cansativa.

— Talvez tenha razão, filho.

— Tenho sim. Posso apanhar mais uns frutos e levá-los comigo?

— Já se vai, irmão?

— Sim, senhor. Vou à procura do meu campo!

— Fique com este, filho. Já estou cansado de cuidar dele após quatro longos séculos.

— Puxa! Quatro séculos! Que paciência de Jó, mestre Giacomo!

— Um campo nosso, não podemos abandoná-lo, filho. Ele é parte de nossa vida, sabe?

— Verdade?

— Sim. Mas se um irmão afim nos substituir nos cuidados a ele, então podemos descansar um pouco.

— Que interessante!

— Ajude-me a colher um pouco de essências frutíferas e verá como passo o meu tempo, filho.

— Como se faz isto, mestre?

— Eu lhe mostro, Celsus! — respondeu feliz o mestre Giacomo, que colocou seu balde no ombro e volitou até uma árvore frutífera supercarregada de laranjas. Pôs o balde embaixo de uma penca e, após irradiar sobre as laranjas com a mão direita, delas começou a correr um caldo parecido em tudo com o das laranjas do plano material.

— Eu... que legal! — exclamou Celsus.

— Gostou, Celsus?

— Sim. Como o senhor faz isto?

— É só mentalizar as laranjas e ordenar-lhes que nos dêem parte de sua energia líquida. Quando eu encho o balde, levo-o até minha casa, onde armazeno os "sucos" ou essências extraídas tanto dos frutos quanto das flores, ervas, raízes, etc.

— Isto também. Mas eu me referia ao fato de o senhor ter saído daqui e ido parar aí no alto!

— Foi por isto que se admirou tanto?

— Claro. É superlegal fazer isto. O senhor me ensina?

— Você me ajuda depois?

— Sim, senhor.

— Ótimo! — exclamou feliz mestre Giacomo, já ao lado de Celsus — Dê-me sua mão direita, filho! Vou levá-lo até minha casa. Prepare-se!

E Celsus se sentiu puxado a uma velocidade vertiginosa. Num segundo, já se viu em um laboratório superequipado. Ainda zonzo, perguntou:

— Como isso acontece, mestre?

— Seu pensamento é a chave, Celsus. Pense em um lugar e, mentalizando-o firmemente, conduza-se até ele. Viajará a uma velocidade comparada à da luz, ou até mais!

— Minha nossa!

— Quer tentar?

— Sim, senhor.

— Vamos voltar até aquele pé de laranja?

— Vamos sim.

— Agora você se levará até ele, Celsus!

— Deixe comigo, mestre! Lá vou eu!

Mas Celsus chegou ao pé de laranja totalmente desequilibrado e se chocou com toda força contra o tronco dele e, sem sentidos, despencou no solo.

O mestre o apanhou com cuidado e retornou ao seu laboratório. Depositou Celsus sobre uma cama e o examinou demoradamente. Quando descobriu uma lesão no corpo espiritual dele, despiu-o e o tratou com uma de suas essências medicinais.

Pouco depois, Celsus recuperou os sentidos e gemeu alto por causa da dor que sentiu. O mestre aplicou sobre sua perna mais um pouco da essência, e os gemidos foram dando lugar a uma respiração pesada.

— O que houve? O que deu errado, mestre?

— Foi minha culpa, filho. Eu devia tê-lo conduzido até que dominasse o poder de sua mente.

— A culpa foi minha. Fui com muita sede ao pote de mel e acabei me lambuzando em vez de provar o delicioso sabor dele. Mas agora o senhor me conduz, está certo?

— Claro, filho! Vamos?

— Vamos, sim. Não vai ser esta dorzinha à-toa que irá me impedir de aprender a voitar.

— É assim que se deve ser, filho! Nós sempre seremos o que nossa vontade ordenar que sejamos!

— É isto mesmo, mestre Jó!

— Giacomo, Celsus. Por favor!

— Não é a mesma coisa?

— Não é não. Giácomo significa Jacob, Celsus.

— É mesmo. Desculpe-me, mestre Giacomo.

— Nada de desculpas. Vamos?

— Vamos sim. Mas antes, deixe-me vestir minhas roupas, está bem? Mas Celsus, ao firmar o pé direito no solo, deu um grito de dor e caiu. O velho mestre o levantou e o recolocou na cama, aplicando-lhe mais um pouco da essência sobre a coxa direita, toda roxa em virtude do impacto com o tronco da árvore.

— Meu Deus! — exclamou Celsus, gemendo de dor — Quebrei minha perna!

— Quebrar não é o termo certo, filho. O que aconteceu é que você, no estado de energia pura, chocou-se contra outra energia pura, que foi o tronco da laranjeira. Então houve um bloqueio na fluidez das energias pelo teu corpo espiritual.

— Um bloqueio?

— Isto mesmo. No impacto com uma energia vegetal pura, você sentiu dor e bloqueou a fluidez das suas energias espirituais.

— Tem algum tratamento para este ferimento, mestre?

— Sua mente o curará, filho. Após algum tempo você mesmo eliminará este bloqueio, a dor desaparecerá e sua coxa recuperará sua cor natural. Essa rouidão desaparecerá sem que você perceba.

— Então está bem. Mas que dói, isto dói, mestre Giacomo!

— Dói sim, filho.

— E não vou poder vestir minha calça por enquanto.

—Vou cobri-lo com uma vestimenta igual à minha. Ela é diáfana, e não a sentirá sobre o seu corpo. Assim, ela não o incomodará ao esbarrar neste seu ferimento.

Após o mestre tocar no peito de Celsus, ele se viu coberto da cabeça aos pés, mas não sentia sua nova veste, que se parecia com o hábito de um monge medieval.

—Vamos agora, filho?

—Vamos, mestre.

E após muitas volitações seguidas, Celsus dominou sua faculdade de deslocamento, retornando sozinho ao laboratório.

—Já está apto, filho! — exclamou o mestre que, ao ver os olhos tristes de Celsus derramando lágrimas por causa da dor em sua perna, entristeceu-se também e começou a chorar convulsivamente.

—Mestre, se é tão fácil, por que isto foi acontecer comigo? — perguntou ele, gemendo de dor.

— Não sei! — balbuciou o velho mestre, chorando alto e batendo no peito com as próprias mãos.

— Não faça isso, mestre. Se o senhor não se acalmar, eu é que vou acabar chorando alto. Por favor!

— Eu menti, filho. Sua perna nunca mais voltará ao que era antes. Eu menti, meu Deus!

— Mas... mas... o senhor falou que...

E Celsus começou a chorar alto e convulsivamente. Tentou se deitar na cama, mas só conseguiu seu intento com a ajuda do velho mestre que, após deitá-lo, ajoelhou-se na cabeceira e, chorando sua tristeza, clamou a Celsus.

— Pelo amor de Deus, meu filho, perdoe-me! Perdoe-me, pois não era minha intenção que isto acontecesse com você. Não era, meu Deus. E o Senhor sabe disso! Por que, quando pensei que o Senhor havia me enviado alguém tão puro e perfeito no corpo espiritual, me faz instrumento da dor da invalidez? Por quê, meu Deus? Eu não o servi com lealdade, humildade e abnegação por tanto tempo? Não preparei por mais de quatro séculos ininterruptos essências cu-

radoras dos ferimentos dos corpos espirituais? Não extraí essências puras de frutas para alimentar energeticamente os espíritos debilitados e desenergizados? Por quê, meu Deus? Por que fez isto comigo? Se Celsus veio aqui enviado pelo Senhor, então por que permitiste que ele se tornasse um aleijado por uma falha minha? Por que me punes com o tormento de ser o responsável pelo sofrimento dele? Melhor teria sido eu permanecer por mais quatro séculos do que viver com essa culpa a latejar no meu íntimo.

—Mestre! — exclamou Celsus comovido—Por favor, mestre!

—Filho, Deus me puniu por eu sempre pedir a Ele que me enviasse alguém com minha capacidade, dedicação e desprendimento em favor do bem maior, que são os nossos irmãos espíritos.

—Mestre, Ele não o puniu. O que Ele fez foi apenas pôr um paradeiro em minhas andanças sem rumo. Eu dizia para mim mesmo: vou caminhar e aprender. Mas acho que Ele olhou para mim e pensou: filho, caminhando a ermo nada de útil aprenderá!

—Mas Ele poderia ter despertado em você o prazer do que eu fazia.

— Ele tentou, mas em vez de eu me encantar com a extração da energia líquida das laranjas, encantei-me com o ato de voitar. Eu queria aprender, pois aí nunca mais seria limitado nas minhas andanças. Eu poderia percorrer o globo terrestre num piscar de olhos, mestre! Mas não era isto que Deus havia reservado para mim. O caminho,

Ele já havia traçado quando me enviou a um hospital que tinha tudo a me oferecer para eu me tornar um curador. Mas eu desertei só para realizar um desejo que alimentei desde que era jovem no corpo carnal: eu queria viajar; conhecer o mundo, outros povos e outros costumes, outras línguas e culturas. Mas como nada disso consegui, tornei-me um ser sem ideais, vontades ou iniciativas. Se alguma coisa ainda fiz, foi mais por curiosidade, medo e comodidade do que por amor a Deus. Eu fui um fracasso em tudo

que desejei fazer. Só sinto que um homem tão puro e dedicado como o senhor tenha de sofrer por mim. Isto eu sinto!

—Celsus! Meu querido Celsus, como eu sofro por não tê-lo compreendido assim que o vi!

—Ninguém me compreenderia, mestre. Eu só queria liberdade para aprender, viajar e conhecer! Mas, que prazer terei com a volitação dominada?

— Nenhum, penso eu! — murmurou o mestre.

— Exatamente. Essa dor só diminui quando este líquido é passado na coxa. O senhor sabe o que isto significa?

— Sim. Deus o quer aqui, onde ele é preparado, filho.

— Então me ensine a sentir prazer em ficar preso, mestre! Ensina-me isto que tão bem conhece ou acabarei enlouquecendo!

—Filho!

—Mestre, eu enlouquecerei se não encontrar uma razão para permanecer aqui.

—O que posso eu, um espírito cansado, solitário e triste fazer por você, um espírito solitário, triste e ferido?

— Dê-me uma razão, mestre. Só uma, pois me sinto tão inútil aos olhos de Deus!

—No conhecimento terás uma razão. Mas no amor aos espíritos que sofrem e padecem, mil outras encontrarás, filho!

—Mestre, eu passei boa parte de minha última encarnação cuidando deles. E me cansei! Por Deus, eu me cansei das vibrações de dor, desespero, revoltas, mágoas, angústias, aflições e tristezas deles, mestre!

— Ó filho meu! O que posso fazer para consolá-lo e confortá-lo, se só um pouco de descanso ambos queríamos?

—Somos tão parecidos, não?

—Somos sim. Nós tínhamos um desejo comum.

—E, nós tínhamos. Mas nem isto temos mais, mestre.

—Não temos. Deus anulou em mim o desejo de abandonar esta morada.

— E em mim o de viajar. Mas nos deixou uma opção, certo?

— Exatamente! A resignação!

— Aceita um aprendiz aleijado, mestre?

— Você me aceita como teu mestre, mesmo eu tendo o tornado inválido?

— Sim, senhor. Outro melhor eu não encontraria!

— Então está decidido: eu o ensino e você me ajuda!

— Se eu pudesse me ajoelhar, agradeceria a Deus por nos reunir num lugar tão bonito quanto este.

— Fique de pé, e Ele te ouvirá, filho.

— O senhor me ajuda? — perguntou Celsus aos soluços.

— Claro! — exclamou mestre Giacomo, chorando e rindo ao mesmo tempo com a reação positiva de Celsus diante de uma vontade divina de difícil compreensão.

Celsus agradeceu a Deus pelo que havia feito com ele.

E o mestre agradeceu por Deus lhe haver enviado uma razão para ali desejar ficar.

Quando terminaram de agradecer a Deus, Celsus falou ao mestre:

— Acho que Deus olha para nós e fala: como esses meus filhos são tolos!

— É, acho que Ele falou isso, filho. Mas algo mais Ele deve ter dito: como eu amo esses meus filhos tolos!

— É, Ele nos ama mesmo. Tanto nos ama que nos quer, não importando como, a servi-Lo entre os que sofrem e padecem.

— Por que este nome, Celsus?

— Meu verdadeiro nome não é este, mestre.

— Como o adotou, filho?

— Bom, por brincadeira eu tinha o hábito de exclamar: oh, céus! Mas como desconfiei que talvez blasfemasse nas exclamações, comecei a dizer: oh, Celsus! E por Celsus comecei a ser chamado. Acabei adotando-o. Agora, sou Celsus e com isto oculto todo o meu passado.

— O passado sempre vem ao presente, Celsus.

— Verdade?

— Sim. Mas não como o conhecíamos. Ele nos traz surpresas que nos deixam abismados.

— Por quê?

— Você ouviu falar de um tal de Paracelsus?

— Claro! Quem não ouviu?

— Eu lhe digo que ele foi meu discípulo. E depois dele, outro igual não tive. Nunca mais encontrei outro igual a ele. Só apareceram tolos que sonhavam com o poder.

— Então Deus lhe enviou Celsus, um tolo que foge do poder, não?

— Agora sou eu quem exclamo: oh, céus!

— Por quê?

— Ora, logo você, que tenta ocultar o seu poder, Deus me envia?

— O que tem de mais eu me ocultar do poder?

— Tem tudo, filho. Se eu não tomar cuidado com você, logo tudo isto estará mudado.

— Para melhor ou para pior?

— Isto nós veremos!

— Por falar em mudanças, por que em vez de extrair as energias líquidas dos frutos em um balde o senhor não as capta através de dutos energéticos?

— Como?!

— Vou lhe mostrar, mestre!

— Celsus!

— Por favor, mestre. Eu mostro. E, se aprovar, terá muito mais tempo para me ensinar o que desconheço.

— O que desconhece, filho?

— Tudo. Só tenho o poder e nada mais.

— Vamos ver o teu poder. Se eu aprovar, nós o usaremos.

— Onde devo derramar as energias líquidas das laranjas?

— Naquela pipa. Após enchê-la, preparo vários medicamentos e néctares.

— Bom, vamos precisar de um reservatório maior, certo?

— Para quê?

— Vamos aumentar a extração de seiva das laranjas com o meu projeto, mestre. Assim, muito mais poderá ser distribuído aos irmãos necessitados, certo?

— Como conseguir um reservatório maior se só disponho destas pipas, que aqui estavam quando cheguei?

— Vamos lá fora?

— O que irá fazer?

— Usar um pouco do meu poder e criar um tanque que armazenará milhões de litros de seiva de laranjas.

— Isto eu preciso ver para crer, Celsus!

— Verás e acreditarás, mestre. Mas antes me forneça mais um pouco do medicamento que amortece esta minha dor, pois ela voltou.

— Vou apanhar um frasco para que o tenha sempre com você, filho. Quando a dor se tornar muito incômoda, você mesmo aplicará um pouco dela na sua coxa.

Após Celsus se medicar, saíram do laboratório e, a uns cem metros da construção, ele falou ao mestre:

— Ali é um bom lugar para o que tenho em mente. Posso?

— Faça-o, Celsus. Vamos ver quais são os teus poderes, certo?

— Espero que aprove, mestre!

— Celsus, não me torture mais. Faça-o!

E Celsus fez. Irradiou forte com as duas mãos.

Delas saíram energias em tão grande quantidade que assustou o mestre. Mas, aos poucos, um imenso reservatório começou a se formar. E quando ficou pronto, os olhos do mestre se encheram de lágrimas. Aí Celsus falou:

— Nele dá para armazenar dez milhões de litros de seiva de laranja, mestre!

— Como sabe?

— Eu desejei um tonel com esta capacidade, oras!

— Por que ele é transparente, Celsus?

— Usei uma energia neutra mestre. Assim, a energia líquida da laranja não se alterará porque é de ordem positiva.

O reservatório conservará todas as propriedades dela sob quaisquer condições energéticas exteriores, uma vez que ele isolará totalmente o exterior do interior.

— Muito bem pensado, filho. Mas usará todas as laranjas para enchê-lo. E aí, esgotará o pomar!

— Que nada. Só preciso estudar um pouco uma laranja e descobrir como se formam as energias líquidas nelas. Sabendo disso, abro inesgotáveis fontes de energias.

— Isto quero ver e aprender, filho.

— Vou apanhar uma laranja mestre. Aí a estudaremos juntos em todos os sentidos.

— O que posso ensinar-lhe?

— Tudo, oras! Só domino as energias e as fontes geradoras delas.

— Acha pouco?

— Dominar não é conhecer, mestre.

— Mas conhecer é dominar, certo?

— Isto mesmo.

Celsus abraçou um pé de laranja e falou com ele como se falasse com alguém. Só depois apanhou uma de suas laranjas e voltou para perto do mestre. Retornaram ao laboratório e estudaram aquela laranja demoradamente. Celsus localizou milhares de fontes autônomas de geração de energias líquidas e ensinou o mestre Giacomo a localizá-las também; enquanto isso, aprendia com o mestre sobre as propriedades da laranja, e em dado momento perguntou:

— O senhor se importaria se imprimisse o que estudamos?

— Não. Mas como fará isto?

— Vamos ver!

E Celsus fez surgir dois grossos livros sobre a mesa. Ao abrir o que estava na sua frente, todos os ensinamentos do mestre estavam escritos nele.

O mestre abriu o que estava à sua frente e viu escrito o que Celsus havia lhe ensinado.

— Maravilhoso, filho!

— O livro é que é mágico, mestre. Ele tem o poder de captar e gravar na forma de letras o que aprendemos aqui.

— Você já havia pensado nisso quando iniciamos os nossos estudos, não?

— É, eu tinha.

— Foi o que pensei, filho.

— Não se importa?

— Claro que não. Voltemos à nossa laranja.

— O que mais temos nela, mestre?

— Muitas propriedades energéticas, filho.

— Tal como a vitamina C que extraem delas no plano material?

— Os princípios são os mesmos. Mas aqui tratamos de energias mais sutis, filho.

E quando se deram por satisfeitos, Celsus falou:

— Vamos ativar essas inesgotáveis fontes de energias?

— Como?

— Criando dutos que as recolherão e as levarão até o reservatório.

— Isto quero ver, Celsus!

— Verás, mestre!

Saíram do laboratório e, já perto do reservatório, Celsus irradiou sobre aquela laranja. Fios parecidos com finíssimos dutos transparentes entraram na laranja e começaram a extrair caldo e a enviá-lo a um duto que alcançou o reservatório e, já dentro dele, começou a derramar a energia líquida extraída da laranja.

— Isto, aplicado a milhares de laranjas, encherão o reservatório em pouco tempo.

— Será que não esgotaremos o laranjal?

— Não senhor. Assim que o reservatório se encher, os dutos se recolherão e as fontes se fecharão.

— Por quê?

— A energia que forma o reservatório é viva e o dotarei com uma memória. Assim, quando baixar o nível de energias líquidas, automaticamente ele enviará dutos ao laranjal e reporá o seu nível ao estado de normal.

— Como poderemos ter certeza de que o laranjal não se esgotará?

— Há quanto tempo ele existe, mestre?

— Não sei. Quando cheguei, ele já existia.

— Foi o que imaginei. Ele tem origem divina, portanto é imortal e inesgotável. Vou dar uma memória a este reservatório.

— Quero ver isto, filho!

— Verás, mestre!

Celsus encostou suas mãos no reservatório e logo a memória ativou milhares e milhares de dutos que alcançaram as laranjas e começaram a extrair as energias líquidas delas por meio de suas fontes energéticas inesgotáveis. E o nível do acúmulo das laranjas foi subindo rapidamente.

Em um período de tempo não maior que uma hora, ele estava cheio. E os dutos se recolheram como que por encanto.

— Meu Deus! Que poder divino, filho!

— É, ele é divino, mestre.

— Jamais imaginei ver isto.

— E agora que conheço as propriedades da laranja, vou tornar mais fácil a separação das energias que compõem o caldo extraído delas.

— Como fará isso, filho?

— Gravando isto na memória da energia que forma o reservatório, mestre. Bastará ordenar a ela que crie dutos internos de captação de um tipo específico de energia, e ela será enviada a outro reservatório extra. Assim, quando alguém precisar, bastará ir diretamente ao reservatório onde estarão armazenados essências, extratos medicinais ou néctares.

— Incrível! Preciso ver isso, Celsus.

— O senhor não só verá como terá a honra de formá-los.

— Por que eu?

— Oras, o que aprendi sobre a laranja o senhor já sabe há muitos séculos. Logo, o senhor transmitirá corretamente as ordens à memória dessa energia viva.

— Ela não obedece só às suas ordens?

— Sim. Mas eu vou ordenar que obedeça ao senhor também.

Celsus fez o que disse, e quando o velho mestre encostou as suas mãos na energia viva do reservatório e ordenou que ela fizesse outros recipientes para armazenar as múltiplas energias que dali saíam, extasiado viu tudo se realizar numa rapidez impressionante. Logo os reservatórios de energias derivadas estavam cheios e o reservatório original lançou mais uma vez seus dutos de captação na direção do laranjal e começou a voltar ao seu nível normal.

O velho mestre caiu de joelhos no solo e exclamou:

— Meu Deus, eu Vos pedi tantas vezes um substituto, mas o que o Senhor me enviou? Foi um anjo, meu senhor? Obrigado, meu criador! Oh, céus, bendito Celsus!

Celsus ouviu aquelas palavras e se entristeceu tanto que só com muito esforço não começou a chorar. Mas não se conteve mais quando o velho mestre, magoado, exclamou:

— Deus, Deus meu, por que tinha de ser eu a ferir um anjo Teu? Por que, meu Deus?

Celsus, mancando da perna direita, afastou-se na direção do laranjal e, abraçando o tronco de um dos pés de laranja, chorou, chorou e chorou.

Mas ele não chorava por sua perna. Sua tristeza era tanta que até o pé de laranja abraçado por ele começou a chorar. Das suas folhas uma seiva cristalina começou a pingar, transformando-o num "chuveiro" de lágrimas que molhava tudo sob sua saia de folhas.

O velho mestre veio para junto dele e falou:

— Celsus, não chore mais, meu filho!

— Só se o senhor prometer nunca mais se lamentar por ter me ferido. Só o senhor me prometendo isto, mestre!

— Filho, eu lhe prometo. Mas não chore mais, pelo nosso amor a Deus!

Celsus o olhou e seus olhos foram secando pouco a pouco, assim como o pé de laranjas foi cessando com os pingos que suas folhas vertiam. Aí o mestre perguntou:

— Por que a laranjeira também chora?

— Ela veio de Deus, e d'Ele faz parte. E, como chorei por sua mágoa, ao me ver ferido, por meio dela Deus responde chorando de tristeza por ver um dos seus servos tão magoado. Outro ele não tinha que pudesse me receber, imobilizar, levantar, apoiar, ensinar, consolar, esclarecer e me dar uma razão para continuar a curar os que sofrem e padecem.

Ele chora por meio desta laranjeira a sua dificuldade em superar um sentimento de culpa, que nada mais é que a realização de uma vontade divina!

— Eu prometo não chorar mais, filho!

— E anular esta mágoa?

— Prometo.

— Se continuar a latejar esta mágoa, ela refletirá nesta laranjeira, que é uma extensão do corpo divino e reflete a tristeza d'Ele.

— Ainda abraçarei esta laranjeira feliz e sorridente, filho meu!

— Verdade?

— Claro. Os céus podem aguardar isto, pois Celsus está comigo agora para multiplicar meus conhecimentos não por mil, mas ao infinito!

— Oh, céus! Será que conseguiremos?

— Pelos céus, não duvide disso nunca.

— Como fará, mestre?

— Vou fazê-lo estudar como antes ninguém fez. Mas, no fim, nós dois viremos abraçar esta laranjeira felizes e sorridentes!

— Verdade?

— Você é estudioso, não?

— Sou sim.

—Então é verdade, Celsus! Finalmente Deus me enviou um discípulo que traz em si as sementes do Mestre. E eu as semearei nestes campos sagrados com tanto amor que, no final, todos sorrirão felizes e gratos ao nosso Senhor.

— Quando começamos?

— Já começamos, filho. De volta ao laboratório!

— Volitando?

— Isto mesmo. E você me leva desta vez!

Celsus aprendeu, aprendeu e aprendeu. E ao lado do velho mestre, encheu aqueles campos de reservatórios formados por energias vivas, que captavam as energias das plantas, flores, frutos, raízes, etc. Vários anos terrenos se passaram para que tudo estivesse pronto.

Mas aquele campo sagrado agora recebia a visita de milhares de espíritos que vinham até ali para buscar essências, extratos, seivas, medicamentos e néctares e levá-los às moradas onde viviam e delas precisavam para si e para os espíritos que acolhiam.

Celsus havia perdido aquela aparência juvenil e, apoiado em uma bengala, agora ostentava a de um espírito amadurecido na dor da sua perna e na dedicação aos estudos a ele ministrados pelo velho mestre.

Os dois eram inseparáveis e se um provava um néctar, só o fazia se o outro também provasse.

Aquele campo sagrado atraía a curiosidade de muitos espíritos dirigentes das esferas superiores que até ali vinham para ver uma coisa divina colocada a serviço do bem comum da espiritualidade.

Como Celsus já entendia a fundo da "botânica espiritual" e o velho mestre das "fontes inesgotáveis de energias", começaram a estudar espécies que Celsus havia anotado nas suas andanças a ermo.

Logo começaram a descobrir utilidades para elas também e a expandir a extração das suas energias.

— Celsus! — falou certa vez o mestre — Suas andanças não foram sem um fim!

— Não?

— Não mesmo. Você, com o seu hábito de anotar tudo o que vê, tem uma fonte inesgotável de novas fontes de energias. Devo dizer-lhe que este néctar que saboreamos é um dos mais deliciosos que já provei em toda a minha vida.

— É sim. Quando passei perto daquele pé de frutos diferentes, não dei muita atenção aos seus minúsculos frutos. Vejo que mais uma vez eu estava enganado, mestre!

— Isto é comum acontecer conosco, filho.

— Os tolos?

— É, os tolos como nós estão sempre à procura de coisas grandiosas, e deixam de dar atenção à grandeza contida nas coisas minúsculas.

— Isto é filosofia pura, mestre.

— É sim. Vamos discutir sobre isto?

— Vamos. Mas antes coloque sobre a mesa dois livros em branco para que seja anotado o que discutirmos.

— Por quê?

— Como todo o seu saber, raciocínios, princípios e conclusões magníficas aí serão anotados, esses livros enriquecerão mais um pouco nossa biblioteca, mestre.

— Sempre preocupado com ela, não?

— Claro. O conhecimento não pode terem nós uma árvore da vida que não dê muitos frutos.

— Já temos mais um assunto para nossa filosofia, Celsus!

— É mesmo, nós temos ficado desatentos a este aspecto da nossa vida, não?

— Temos sim. Não está na hora de nos dedicarmos a ele, filho?

— Está sim. Caso contrário, acabaremos nos tornando frutos de uma única geração, certo?

— Ótimo assunto para discutirmos mais tarde. A transformação do ser humano para não exaurir a si próprio! O que acha?

— Ótimo! Mas vamos ficar encontrando assuntos ou vamos discutir os que já se mostraram a nós, mestre?

— Então começaremos pelos assuntos que a todo momento se mostram para nós, certo?

— É um bom princípio para dois filósofos iniciantes, não?

— Ou terminais!

— Nem pensar, mestre. Ainda pretendo aprender muito. Logo, nada de filósofos terminais.

— É mesmo. Às vezes contemplo o firmamento e fico a imaginar o que estará oculto da nossa visão.

— Não está oculto, mestre.

— Não?

— Não mesmo! Nós é que não estamos aptos a ver o que por lá existe.

— É isto mesmo. Aos livros, filho! —Aos livros, mestre!

E os dois freqüentemente se punham a dialogar sobre certos assuntos até esgotá-los. Só então voltavam a novas pesquisas e novas descobertas nos campos energéticos ou energizadores.

Mestre Giacomo e Celsus eram espíritos tão afins, e tão parecidos, que se esqueciam de tudo quando se dedicavam a algo.

Estavam totalmente absortos no estudo de um fruto recém-descoberto que nem notaram que eram observados a um bom tempo por alguns visitantes que não ousaram abordá-los ou chamar a atenção deles.

Só quando um olhou para o outro e se perguntaram se ainda restava algo que pudesse ser descoberto, é que perceberam a presença de outros espíritos.

— Quem são? — perguntou Celsus ao mestre.

— Como posso saber? Nunca os vi antes!

— Então pergunte a eles o que desejam aqui em nosso santuário, mestre!

— E mesmo, filho. Estou tão surpreso que fiquei sem iniciativa!

— Eu notei isto.

— Não é sempre que alguém invade nosso santuário, certo?

— Não mesmo.

— Então pergunte você, filho.

— Nada disso. O mestre aqui é o senhor. Ou já se esqueceu disso?

— Você também me ensinou e ensina. Logo, nós dois somos mestres, certo?

— Nada disso, eu sou só um mero aprendiz.

— Aprendiz? Depois de tudo o que vi você realizar ainda vai insistir nessa tolice de que é um aprendiz?

Um dos visitantes interveio no diálogo dos dois e perguntou:

— Nós incomodamos vossa discussão, irmãos?

— Desculpem, irmãos da luz! — exclamou o mestre.

— Se quiserem, voltaremos mais tarde. — falou um deles.

— Não, não! Sejam bem-vindos!

— Obrigado, irmão Giacomo.

— O que os traz até nós, irmãos da luz?

— Não somos de mais luz que vocês, irmãos.

— Tudo bem! — exclamou Celsus — O que os irmãos desejam de nós?

— Por enquanto, só conhecer o vosso trabalho. O que está sendo feito aqui atraiu a atenção de muitos irmãos seus e, como também têm suprido muitas moradas sob nossas responsabilidades, viemos conhecê-los pessoalmente.

— Só por isso? — perguntou Celsus.

— Acha pouco o que tem feito por aqui, irmão?

— A não ser quando descobrimos alguma utilidade para plantas ou frutos, nada mais temos feito. — falou o mestre Giacomo.

— Modéstia é o que não lhes falta, irmãos.

— Não é modéstia, irmãos da luz. Apenas passamos o nosso tempo pesquisando ou discutindo assuntos que nos atraem. Só isto temos feito! — afirmou Celsus.

— Não falemos mais nisso! — atalhou um dos visitantes já impaciente com aquele diálogo inútil — Se não pararem agora mesmo, nada veremos!

— Tudo bem! O que querem ver? — perguntou o mestre Giacomo.

— Tudo, mestre Giacomo.

— Por onde desejam começar vossa vistoria? — perguntou Celsus.

— Não viemos vistoriar, irmão. Apenas conhecer! O que é muito diferente, certo?

— É sim. E acho que já viram como pesquisamos, não?

— Já vimos. Foi interessante assistir vossa pesquisa, pois tem um método maravilhoso de estudo. Esgotaram esta planta em todos os aspectos, e creio que tudo está anotando neste livro, certo?

— Está sim. Desejam uma cópia dele, irmão da luz?

— Não é necessário. Já sabemos onde espíritos estudiosos desse assunto poderão aprender muito mais em menos tempo.

— O irmão está sugerindo alguma coisa?

— Vejo que captou o sentido, irmão Giacomo. Por que não abrem vossos conhecimentos e descobertas a outros espíritos dedicados, mas limitados pela falta do conhecimento que tem aqui?

— O que você acha da sugestão desse irmão, Celsus?

— Mestre, eu não acho nada. Por aqui quem decide as coisas é o senhor. Eu sou um mero discípulo do seu saber.

— Você sempre deixa tudo para eu decidir. Por quê?

— O senhor é o chefe. Logo, qualquer decisão que tenha de ser tomada, ela partirá do senhor.

— Filho, já está na hora de você tomar algumas decisões!

— O senhor sabe como sou. Faço o que tiver de ser feito, mas só após o senhor decidir.

— Eu não acredito! — exclamou contrariado um dos visitantes.

— Não acredita no quê, irmão da luz? — quis saber Celsus.

— Estou diante de dois espíritos que dominam toda uma ciência com um conhecimento superior ao que seria humano, e ficam a discutir essas tolices infantis!

— Deve nos compreender, irmão da luz! Nós estamos discutindo se vale a pena ou não. É um hábito nosso.

— Mas vocês precisam ser mais rápidos em suas decisões, irmãos sábios!

— Viu, Celsus! — exclamou o mestre — Agora nos chamam de sábios! O que será que eles realmente querem de nós?

— Não sei, mestre. Primeiro disseram que queriam conhecer estes campos, quando lhes bastaria andar por aí e conhecê-los. Depois, sugerem abrirmos nossos conhecimentos. E agora, não sei o que dirão!

— É muito estranho, não?

— É sim, estou preocupado, mestre.

— Eu também, Celsus. Por que, só depois de quase meio milênio aqui, vejo surgir espíritos de tanta luz?

— Eu não os vejo com tanta luz assim, mestre!

— Bom, sua visão é diferente da minha. Mas acredite-me: eles têm muita luz!

— Então devem ser anjos, mestre.

— Não, não! Anjos têm asas, Celsus.

— Só com asas alguém é anjo?

— Sem asas, não tem anjo, filho!

— Se o senhor diz...!

— Pelo amor do nosso Senhor! — clamou um dos visitantes — Não façam isto conosco!

— Mas... o que, afinal, vocês desejam de nós, irmãos? — perguntou mestre Giacomo.

— Vou resumir, certo?

— Faça isto, irmão. — pediu Celsus.

— Nós viemos conhecer vosso trabalho; saber se desejam ensinar outros espíritos e convidá-los para visitarem nossas moradas.

— Puxa, quanta coisa de uma só vez! — exclamou Celsus.

— É sim. — confirmou o mestre.

— Não precisam fazê-las ao mesmo tempo, irmãos sábios! — ironizou um dos visitantes.

— Nem seria possível, podemos multiplicar nossos conhecimentos, mas não a nós próprios. Por onde desejam começar? — perguntou mestre Giacomo.

— Conhecendo vosso campo, irmãos sábios. — respondeu um dos visitantes.

Logo depois aqueles espíritos de elevadas esferas espirituais começaram a conhecer o campo de mestre Giácomo, que ficara tagarela de um momento para outro. Já Celsus mantinha-se calado o tempo todo e não procurava se envolver com os visitantes.

Quando chegaram perto de um riacho, Celsus se afastou do grupo e se dirigiu a ele. Entrou dentro da água e emitiu um suspiro de satisfação.

Com os olhos fechados e quase em êxtase, ficou ali até que um dos visitantes se aproximou e falou:

— És um apreciador das águas, não? Celsus saiu de seu êxtase e respondeu:

— Sou sim. Ela faz muito bem à minha perna. Quando entro neste riacho, não sinto dor alguma.

— Que tipo de dor, irmão Celsus?

— É um ferimento na coxa, irmão.

— Vocês não têm aqui o medicamento que o cura?

— Não, senhor. Mas um dia desses acabo descobrindo um que me cure.

— Posso ver seu ferimento, irmão?

— Claro. Até pode ser que possa curar-me, certo?

— Preciso vê-lo, antes de dizer qualquer coisa neste sentido.

Celsus levantou a batina diáfana que cobria suas pernas e mostrou sua coxa direita roxa.

— Meu Deus! — exclamou o irmão visitante — Seu ferimento é horrível, irmão Celsus!

— É sim. Pode me curar, senhor?

— Posso tocá-lo?

— Quando estou com os pés dentro da água pode, pois não sinto dor. Mas se eu daqui sair, nada pode tocar este meu ferimento. A dor é insuportável!

— Compreendo. Vou ver se localizo a origem dele.

— Ela está no nosso senhor. Não adianta procurá-la aqui na minha coxa, irmão da luz. Só me imobilizando o Senhor nosso Criador aqui me reteve. Logo, a cura talvez só Ele possa me dar.

— Deve doer muito.

— Dói sim. Mas com um linimento do mestre Giacomo consigo suportá-la.

Após tocar e examinar a fundo a coxa de Celsus, aquele visitante falou:

— A razão deste ferimento está no desvio que impusestes à tua vida, irmão amado. Se tivesse seguido o rumo imposto a ela pelo nosso Senhor, esta tua perna estaria sã.

— É, eu sei disso.

— Por que não retorna ao lugar onde se desviou do seu rumo natural, e o retoma?

— Agora é tarde, irmão da luz.

— Nunca é tarde.

— Já paguei o preço do atalho que tomei. Este ferimento que tanto me incomoda é incurável. Logo, de outros ferimentos não preciso!

— Compreendo. Tem vergonha de retornar, certo?

— Não creio que seja vergonha.

— O que seria então?

— Falta de vontade. Mesmo ferido e sentindo muita dor, aqui sou feliz.

— Mas está retendo o mestre Giacomo, que não o deixa por nada por causa da culpa que sente.

— Eu não pensei nisso, senhor.

— Sei que é desagradável dizer-lhe isto, mas precisamos dele ao nosso lado.

- Compreendo. Esta é a razão de vossa visita, certo?
- Isto mesmo. Mas não mentimos sobre as outras, irmão.
- Eu sei que não. A mentira não faz parte dos que alcançam vossos graus.
- Nem dos que têm o seu, irmão amado. Pense nisso, sim?
- Já pensei. Podem levar mestre Giacomo.
- Nós não queremos levá-lo. Precisamos dele, mas ele só irá se desejar!
- Compreendo. O senhor espera que eu desperte este desejo nele, certo?
- Isto mesmo, irmão Celsus.
- Os meus sentimentos não importam, não é mesmo?
- Não vamos falar nos seus sentimentos, irmão. O que eles são se os compararmos com os dos milhares que mestre Giacomo irá alterar?
- É, os meus sentimentos não importam mesmo.
- Podemos contar contigo, irmão Celsus?

Celsus ia mandá-lo aos infernos, mas se conteve e murmurou: — Podem — com tanta tristeza que volitou por mais nada conseguir dizer. Um pouco mais tarde retornou ao laboratório com uma nova espécie e, sozinho, começou a estudá-la.

Quando o mestre retomou, Celsus já havia praticamente "dissecado" aquela planta, que no plano material não tinha nenhuma similar.

"Aqui abrimos um parêntese para dizer que os planos etéreos localizados nas várias esferas espirituais são formados a partir de energias. E em cada esfera existem as mais variadas espécies de vegetais. São árvores, plantas, gramíneas, flores, etc., às vezes, semelhantes às da terra. Mas quase sempre, em tudo são superiores nas aparências, pois não estão sujeitas às leis climáticas terrenas.

É preciso saber que estes planos são energéticos, e tudo neles existente é energético.

O espírito é dotado de um corpo energético, enquanto ser vivente nesses planos. E só quando reencarna é dotado de um corpo carnal, ou material."

O mestre, ao vê-lo estudando uma nova espécie, exclamou:

— Filho, isto não é justo. Você me negou o prazer de participar da vida desta espécie!

— Está tudo anotado no livro, mestre.

— Você sabe que ver uma descoberta não é o mesmo que participar dela!

— Desculpe-me, mestre. Fui egoísta.

— Foi sim. Mas eu o compreendo, pois praticamente o esqueci, de tão absorvido que fui por estes irmãos nossos!

— Eu fiquei feliz ao vê-lo tão descontraído. Foi a primeira vez após tanto tempo!

— É, eu fiquei feliz, filho. Tão feliz que aceitei por nós dois um convite para que visitemos algumas moradas em outra esfera espiritual.

— Eu ficarei, mestre.

— Por quê?

— Vá o senhor. Eu prefiro tomar conta de tudo por aqui até o seu retorno.

— Sem você eu não irei, filho!

— Por que não, mestre?

— Devo isto ao meu mais sábio e poderoso discípulo. Você tem se dedicado tanto aos estudos, pesquisas e trabalho que se eu não tomar cuidado, ficará um velho como eu.

— Que nada, mestre!

— É claro que ficará. Já tem até alguns cabelos grisalhos!

— Espíritos não envelhecem, mestre!

— Mas ficam velhos, filho. Olhe para mim: quando aqui cheguei possuía a aparência de um jovem. Mas me dediquei tanto a este campo que comecei a me sentir velho, e velho fiquei. Rejuvenesci

um pouco quando você chegou, mas também vi você amadurecer e, aos poucos, envelhecer.

— Bobagem!

— Não é não. E tanto não é que tomei a liberdade de aceitar em seu nome o convite desses nossos amados irmãos.

— Mas, mestre!

— Nem mais nem menos, Celsus! Você se lembra de como às vezes falávamos dos nossos desejos de conhecer o mundo?

— Sim, eu me lembro.

— Chegou a nossa vez, filho!

— Eu não tenho certeza se ainda quero isso, mestre.

— Nós, os tolos, nunca temos certeza de nada, filho. É por isso que somos como somos: sólidos quando nos apegamos a algo, mas prontos a nos derramarmos como as águas. É hora de correremos um pouco, filho!

— Talvez o senhor tenha razão. Por mais felizes que estejamos em um lugar, sempre nos resta um latejar íntimo de saber como seria se vivêssemos em outro local.

— É isto mesmo, filho. E se um dia eu o impedi de viajar pelo mundo, agora chegou uma oportunidade maravilhosa de vermos uma outra parte dele, certo?

— Isto mesmo, mestre! — exclamou Celsus feliz, ou quase.

E eles foram conduzidos a uma morada em uma esfera superior, ou mais elevada do que onde os campos deles se localizavam. Mestre Giacomo se encantou com o que viu e sentiu.

— Celsus, estou me sentindo como se flutuasse! Parece que rejuvenesci!

— E rejuvenesceu mesmo, mestre. O senhor ficou mais tempo que o necessário naqueles campos.

— É como se uma armadura pesada tivesse sido tirada do meu corpo!

— Imagino que algo parecido tenha acontecido com o senhor.

— Porquê, Celsus?

— Sua purificação emocional, elevação mental e firmeza racional tornaram-no apto a alcançar uma esfera mais elevada. Mas como o senhor tem vivido em outra mais densa energeticamente, sentia-se pesado. Como agora está na sua esfera adequada, se sente livre. E isto é maravilhoso!

— É sim. Minha visão se expandiu e a minha capacidade de raciocinar aumentou muito.

— Então aqui é o seu lugar, mestre.

— O nosso, filho!

— Não, não. O meu é lá nos nossos campos. É lá que me sinto leve, livre e apto a raciocinar.

— Mas...

— Não, mestre. Aqui minhas faculdades se recolhem, pois não estou capacitado a viver em outra esfera acima daquela.

— Nós ainda temos outras moradas a visitar. Quem sabe você venha a se sentir melhor?

— Mestre, eu o respeito, amo e o estimo muito. Nunca subestimei sua sabedoria ou capacidade de assimilação, certo?

— É, isto é verdade.

— E do mesmo modo o senhor procedeu comigo, certo?

— Sim.

— Então, aceitemos o que está acontecendo agora.

— O que está acontecendo conosco, filho?

— Não é conosco, mestre. É com o senhor!

— Comigo?

— Mas é claro! Não percebe que Deus o quer nesta esfera, pois aqui é o seu lugar e onde Ele poderá usá-lo muito mais intensamente?

— Não, não...

— Não repita o mesmo erro que um dia eu cometi, mestre.

— Filho... eu... mas...

— Não temos que discutir isto, mestre.

—Temos sim, filho.Em uma de nossas discussões filosóficas abordamos as vontades divinas, e chegamos à conclusão de que elas são indiscutíveis.

—Mas...

—Mestre, por favor, não permita que eu venha a chorar de tristeza como um dia o senhor chorou quando se achou culpado pela realização de uma vontade divina. Eu o amo demais e não suportarei outro sofrimento igual àquele para o senhor.

—Mas, filho!!!

—Eu o amo demais, mestre! Então me poupe, pelo amor que tens a Deus!

—Não preciso dizer o que sinto por você, filho!

—É claro que não, mestre amado. Mas já chega de enviar discípulos para o alto. Deus o quer neste momento ao lado dos outros mestres que O servem! Eu posso ver isto, mestre!

—Você tem certeza disso, filho?

—Não era o senhor quem dizia que o alcance de minha visão é ilimitado?

—O que quer que eu tenha dito não tem nada a ver com o que está acontecendo agora, filho.

—O senhor sabe que tem. Aqui é o seu lugar. E isto é indiscutível. Mas lhe digo que, quanto mais tentares se afastar da vontade divina que se manifestou no senhor, mais dolorida será a nossa separação.

—Porquê, filho?

—Bom, se o senhor insistir na tolice de voltar àqueles campos, deles me afastarei, pois já chega um paralítico a vagar sem rumo por eles.

—Filho... — e o mestre começou a chorar convulsivamente. Celsus o abraçou e o apertou contra si, colhendo as lágrimas do velho mestre. Mas em seu peito um pranto também queria explodir. E se isto não acontecia é porque a todo custo Celsus o sufocava.

Quando o mestre, muito triste, dele se soltou, Celsus murmurou:

_ Siga o rumo que o nosso Senhor está indicando, mestre. Faça este discípulo do seu saber um ser feliz, pois irá se multiplicar em nome do nosso Senhor!

— Essa é a tua vontade, filho?

— A vontade é do nosso Senhor. Quanto a mim, é um desejo, mestre. Um luminoso desejo!

— Por que tínhamos que nos apegar tanto, filho?

— Nós éramos dois irmãos na vastidão do Universo, mestre.

— Jamais me apeguei tanto a alguém quanto a você, filho.

— Eu sei. É por isso que o amo tanto e quero um dia vê-lo brilhando tanto quanto as estrelas que ficávamos a admirar.

— Você também brilhará como elas, filho.

— Sim. Mas só conseguirei isto quando o ver brilhando.

— Filho, não sei quem o enviou a mim. Mas quem o deixou fugir daquele hospital era mais tolo que nós dois juntos.

— Será?

— Claro! E tão tolo ele era que não viu em seu peito a estrela da libertação.

— Eu não tenho estrela nenhuma no meu peito, mestre.

— É claro que tens. Antes eu não a via, mas agora, com a ampliação de minha visão, posso vê-la, filho.

— Não é preciso mentir para me alegrar.

— Eu não estou mentindo, filho. Finalmente vejo a estrela em seu peito, ela é a estrela do libertador!

— Bobagem, mestre.

— Você se lembra das nossas discussões sobre os anjos?

— Sim.

— Então fique sabendo que nem todos os anjos têm asas, assim como nem todos os que têm asas são anjos.

— Nós não tínhamos acordado que todos os anjos têm asas, mas nem todos que têm asas são anjos.

— Vou alterar isto, filho.

— Por quê?

— Oras, você é um anjo. Só que não sabe ou não tem consciência disso.

— Vejo que as alturas despertaram o humor no senhor! — exclamou Celsus, rindo muito das palavras do mestre.

— Como você é tolo, Celsus! Mil vezes mais tolo do que possa imaginar.

— O senhor também! Só um tolo assim iria dizer uma bobagem dessas!

E Celsus riu tanto que sentiu uma dor aguda na sua coxa ferida. Mas quando retirou o frasco do bolso, viu que seu linimento havia se evaporado. Então falou:

— Mestre, é hora de nos separarmos!

— Ainda não. Volto com você e mais tarde retornarei até esta morada.

— Não, não! O que preciso para acalmar minha dor, lá existe. Mas o que acalmará a sua, só aqui encontrarás. Beba os néctares daqui, pois eles são o linimento que o curará dessa sua incurável solidão.

— E a tua, qual o néctar que a curará?

— Ainda acabarei por descobri-lo, mestre.

— Eu creio que sim. Tome! — falou o mestre, retirando do bolso de sua veste a pasta com a biografia de Celsus, que este lhe dera — Guarde-a contigo!

— O senhor leu?

— Não.

— Por que não?

— Eu nunca quis saber nada do seu passado, filho.

— Por que não?

— Se você havia se afastado dele, por que eu iria olhar para ele? — Acho que vou queimá-lo, mestre.

— Não agirá inteligentemente se fizer isso com seu passado, filho. Saiba que, se olharmos para a frente e nada virmos, é triste; se não virmos nada quando olhamos para trás, é muito dolorido. Olhe um

pouco para o passado, filho. Talvez encontre nele razões que mereçam ser mais bem avaliadas.

— Um dia talvez eu olhe, mestre.

— No dia em que você fizer isto, tenho certeza de que verá muitas razões luminosas.

— Por que acredita nisso?

— Deus não preserva tantos poderes em alguém que não tenha atrás de si razões luminosas. E, acredite-me: nunca vi ninguém com poderes iguais aos seus. Você é único, filho. Acho que é por isso que me apeguei tanto a você. Nunca antes eu tinha tido a oportunidade de aprender com um anjo!

— Bobagem- O que sei todos sabem!

— Mas eu não sabia. E aprendi contigo, certo?

— Bom, tenho que ir pois a dor está aumentando.

— Antes, dê-me seu mais caloroso abraço, filho! Nunca vou me esquecer de você, e quero me lembrar sempre desse nosso abraço de separação temporária!

Após se abraçarem, o mestre perguntou:

— Por que você está chorando, filho?

— Minha coxa está doendo. E... por que o senhor está chorando?

— É porque sei que está sentindo muita dor, filho. Como nenhum desmentiu o outro, Celsus falou:

— Vou retornar e cuidar desta minha coxa, mestre.

— É, faça isso, pois sinto uma dor igual à sua.

— Eu sei que sente. Até outro encontro, mestre amado!

— Até ele, filho amado!

Celsus volitou direto para o pé de laranja que um dia havia chorado e, abraçando-o forte, chorou muito. Mas, desta vez, não foram as folhas que começaram a gotejar lágrimas. Desta vez foram as laranjas que derramaram suas caldas em abundância, e o cobriram com o amarelo de suas energias, só parando de vertê-las quando Celsus parou de chorar e, mancando, caminhou para o laboratório, onde aplicou o linimento na sua coxa ferida.

Depois ele volitou até o riacho e nele lavou sua veste diáfana, assim como o próprio corpo, todo coberto com calda de laranja.

Já era noite quando retornou ao laboratório e retomou o estudo da espécie sobre a mesa.

Quando o sol raiou iluminando aqueles campos férteis, Celsus terminou suas conclusões sobre a espécie estudada. Aí volitou até os limites onde havia plantações e plantou aquela planta delicada enquanto orava ao Criador. E quando a abençoou com a bênção da multiplicação, uma boa parte de verdejantes campos foi coberta por milhares de pés daquela espécie. Então ele irradiou forte, criando um novo reservatório para as energias que seriam extraídas delas, para ser distribuídas aos espíritos socorristas e curadores, pois um poderoso bálsamo aquela planta delicada oferecia.

Celsus permaneceu ali até que todos os reservatórios secundários estivessem cheios e o principal ficasse com sua capacidade de armazenagem nos seus limites.

Ao se virar para retornar ao laboratório, viu que alguns espíritos o observavam a distância.

— O que desejam aqui? — perguntou ele, ríspido — Não sabem que estes campos não estão abertos a visitação?

— Nós não sabíamos, irmão. Chegamos a pouco e, como estava aí, em pé e imóvel, não quisemos incomodá-lo.

— Só a pouco vocês chegaram?

— Isto mesmo.

— De onde vêm?

— De um posto socorrista na crosta. Informaram-nos que aqui obteríamos em abundância o que tanto nos falta. Mas como não encontramos ninguém na morada, começamos a procurar por alguém nesses complexos energéticos. Onde estão os outros?

— Eu vivo sozinho aqui, irmãos socorristas.

— Sozinho, irmão?

— Sim. E os que aqui vêm só têm permissão de pegar o que precisam e, logo a seguir, devem retornar às suas moradas, abrigos, hospitais ou postos de socorro.

— Como devemos proceder para conseguirmos o que precisamos?

— Estão vendo aqueles recipientes sob aquelas placas energéticas?

— Sim, senhor.

— Quando localizar o que precisa, apanhe o recipiente e o leve até aquele duto que sai dos depósitos menores. Então encoste o bico do recipiente no do depósito e, imediatamente, ele será cheio com o que necessitam. Podem apanhar quantos precisarem. Mas sempre que aqui retornarem, tragam os que levaram. Recoloquem-nos sob aquelas placas energéticas ou os encham e os levem com vocês.

— Quais são os limites, irmão?

— Vossa capacidade de fazer o uso correto e digno ao que levarem é o vosso limite.

— Mesmo se quisermos levar algum néctar para nosso próprio consumo?

— Claro. Deus não quer que seus servos sejam tratados só a pão e água. Um bom néctar de frutas tanto alimenta o espírito quanto refresca a alma, irmãos!

— Onde conseguimos licença para aqui podermos vir sempre que precisarmos?

— Com Deus, irmãos.

— Como?—perguntou atônito um dos espíritos socorristas.

— Com Deus, irmão. Quando realmente precisarem, aqui encontrarão. E como quem dá tudo o que há por aqui é Deus, então sempre deverão pedir permissão a Ele para daqui levarem alguma coisa.

— Ah! Que susto! Pensava que era o senhor quem concedia as permissões, irmão.

— Eu só cuido destes campos, irmãos. As permissões, só Ele pode dar. Mas se for feito mau uso do que aqui Ele dá, até aqui não conseguirão retornar. Entenderam, irmãos amados?

— Entendemos, irmão guardião desse jardim de vida do nosso Senhor.

— Podem me chamar de Sal, o mestre zelador.

— Sal! Qual o significado dele, mestre zelador?

— Não é o sal que torna certos alimentos mais saborosos?

— Isso acontece no plano material, mestre zelador.

— Comigo, o sal caminha junto na espiritualidade. Onde ele é pouco, um pouco acrescento. E onde ele abunda, um pouco eu subtraio. E o equilíbrio eu devolvo à terra.

— O senhor tem um carisma impressionante, mestre.

— Bobagem. O que acha ser carisma, credite à solidão. Só isto, pois no íntimo sou só um velho solitário. Mas não falemos mais de bobagens, irmãos amados. Vou levá-los à biblioteca e entregar-lhes dois livros. No primeiro, terão resumos de tudo o que temos aqui e para que serve. Já no segundo estão as indicações de como localizar cada energia aqui armazenada e pronta para serem transportadas, tanto para outros planos quanto para esferas espirituais. Acompanhem-me, por favor!

Sal, o mestre zelador, ou Celsus, volitou até o laboratório com aquele grupo de espíritos socorristas e lhes passou os dois livros.

— Onde podemos ir para estudá-los, mestre zelador?

— Aquela porta dá acesso à biblioteca. Lá poderão estudá-los e depois saberão onde encontrar o que precisam.

— Conduza-nos, mestre zelador. Não queremos incomodá-lo mais do que nos seria permitido, nem adentrar neste domínio seu, onde somos intrusos bem intencionados! — pediu um senhor de cabelos grisalhos, mas de olhar juvenil.

"Aqui mudamos o nome de Celsus para Sal para melhor fluidez de nosso relato."

Sal os conduziu a uma biblioteca um tanto escura, e lhes indicou uma mesa rodeada de cadeiras.

— Fiquem à vontade, irmãos. Vou olhar os campos do nosso Senhor. Quando quiserem, podem apanhar o que precisam e retornar ao vosso abrigo, morada ou posto socorrista.

— Obrigado, Sal, mestre zelador! — exclamou sorrindo, feliz, uma das irmãs ali presentes. Sal olhou-a com tanta curiosidade que ela recolheu o sorriso e, encabulada, perguntou:

— Não é permitido sorrir aqui, mestre zelador?

— Não é nada disso, irmã amada. É que faz tanto tempo que não vejo um sorriso tão jovial, tão espontâneo e tão cativante quanto o seu que começo a crer que faz mais de um milhão de anos que estou isolado aqui.

— Um milhão de anos, irmão Sal? — perguntou curiosa a irmã.

— Não... não deve fazer tanto tempo assim. Se mestre Giacomo ficou aqui quatrocentos e noventa e seis anos, então eu estou...

— Quem é mestre Giacomo? — perguntou um dos irmãos socorristas.

— Ele era o zelador desses campos. Mas ontem uns anjos apareceram por aqui e o levaram a uma esfera superior. Acredito que mais um anjo do nosso Senhor agora ele já seja. Ah, mestre amado! Como sinto tua falta, irmão amado! — exclamou Sal com a voz triste e os olhos rasos de lágrimas.

— Quem era ele realmente, mestre zelador? Quis saber o irmão de cabelos grisalhos.

— Para mim, ele era o último dos mestres puros que ainda restavam nas esferas diretamente ligadas à crosta terrestre. Outro igual jamais encontrarei! Com licença, irmãos e irmãs amados!

"Sal, mancando e apoiando-se na sua bengala, saiu da biblioteca e retornou à laranjeira, onde mais uma vez a ela se abraçou e chorou a separação do irmão amado. E as laranjas mais uma vez derramaram sobre ele suas caldas.

Quando chorou toda a sua saudade do amigo, Sal olhou para si e falou à laranjeira: ah, irmã da terra! Até você chora a ausência do mestre de tantos séculos, não? Mas não fique triste não, pois nunca

a abandonarei. Não a você, que me compreende tão bem! Você se lembra de que um dia prometemos vir até aqui e abraçá-la felizes e sorridentes? Mas isto não conseguimos, pois eu não superei minha dor e ele, sua mágoa. E Deus o levou para junto dos anjos! E Celsus foi com ele e só o sal, o amargo do sal, restou a você, laranjeira amada! Mas não fique triste por minha causa. Você tem milhares de irmãs da terra a lhe fazerem companhia! E também não precisa chorar minha solidão, irmã amada. Eu sou só um tolo! Nada mais sou além de um tolo!"

E, coberto pela calda amarela, Celsus se dirigiu ao riacho para lavar mais uma vez a si e sua veste diáfana.

Quando retirou sua veste, ouviu um grito de espanto às suas costas. Virou-se e viu o irmão grisalho e a irmã que lhe sorrisse a observá-lo. E ele tinha na mão a pasta que mestre Giacommo havia lhe devolvido. Recolocou rápido sua veste e, meio confuso, perguntou várias coisas ao mesmo tempo:

— Como me encontraram? Há quanto tempo estão me vigiando? O que mais querem de mim se tudo já lhes dei?

— Por favor, mestre zelador! — pediu o irmão grisalho — Nós reconhecemos que estamos nos excedendo. Mas isto chamou nossa atenção e pedimos sua licença para falarmos sobre um irmão nosso com o mesmo nome do desta pasta.

— Vocês a abriram?

— Não, senhor. Mas que nos deu vontade, isso deu!

— Não a abram. Desde que Celsus a entregou a mestre Giacommo, ela nunca foi aberta nem mesmo por ele. E a mim mestre Giacommo a confiou. E se mestre Giacommo não a abriu, ninguém mais a abrirá!

— Não a abriremos, mestre zelador. Mas ouvimos quando o senhor disse à laranjeira que Celsus se foi com mestre Giacommo. O senhor nos falaria um pouco sobre ele?

— Só coisas superficiais, pois esta é a ordem das coisas por aqui. Onde vocês conheceram Celsus?

— Em um centro espírita, mestre zelador.

— Em um centro espírita?

— Sim, senhor.

— Celsus jamais falou nada a este respeito, nem mestre Giacomo lhe perguntou. Esta é a ordem das coisas por aqui. Só falamos o que sentimos vontade e só discutimos sobre o que falamos, nunca sobre o que vimos ou ouvimos.

— Como era Celsus, mestre zelador?

— Um jovem viajante que aqui chegou e se ligou a mestre Giácomo. Isto foi há muitos anos terrenos. Mas ontem uns anjos vieram para levar mestre Giacomo e Celsus se foi com a ida dele. Se o seu mestre ia, Celsus não viu razões para aqui permanecer. E só eu aqui fiquei. Agora voltem ao que aqui vos trouxe e me deixem a sós, pois prefiro a solidão do que ver meus sentimentos íntimos revelados aos olhos de quem não compreende que, apesar de amarga, a solidão é uma boa companheira.

— A solidão é um sentimento negativo, irmão Sal.

— Não venha o senhor falar sobre a solidão, irmão socorrista. Temos centenas dos mais minuciosos e profundos livros já escritos sobre os sentimentos. E se tanto mestre Giácomo quanto o irmão Celsus não tinham a solidão na conta de um sentimento negativo, não será o senhor quem irá alterar meus conceitos sobre a solidão.

— Quais são seus conceitos sobre a solidão, mestre zelador?

— São vários, mas todos dizem a mesma coisa.

— Que coisa, amado e solitário irmão Sal?

— A solidão é o refúgio dos tímidos, o abrigo dos cansados e a morada dos incompreendidos. É isto que a solidão é, irmão amado. Agora, por favor, deixem-me a sós na minha morada. Eu lhes deixo livres para bisbilhotarem tudo, menos esta minha última morada. Além dela, nada mais me restou, irmãos! — implorou Sal aos prantos. E Celsus caiu de joelhos dentro do riacho, deixando escapar a veste diáfana com que cobria a frente do seu corpo. E um

dolorido grito de dor ele emitiu, pois sua coxa sentiu o esforço a que foi submetida.

Sal agarrou-se à sua bengala e, tremendo muito, jogou água sobre sua coxa roxa. Aos poucos a dor foi cedendo, mas o tremor continuou. Enquanto a irmã foi recolher sua veste, o irmão correu em seu auxílio. Mas nada pode fazer, pois Sal gritou:

— Não me toque, por favor!

— Por que não, irmão Sal? Precisas de ajuda!

— Meu corpo todo está doendo neste momento. A única coisa que pode me tocar é a água, pois ela é para mim um bálsamo. Eu vou me lavar e depois me visto! Agora, deixem-me a sós, por favor. Mas antes, dêem-me aquele frasco de linimento que está ali na margem.

— Não quer que o ajudemos, irmão Sal? — perguntou a irmã, muito solícita—Podemos banhá-lo!

—As águas me banharão e lavarão minha veste, irmã.

E com um abanar da mão direita de Sal, as águas do riacho subiram pelo seu corpo e retiraram toda a calda. Ele se levantou apoiado na perna esquerda, enquanto a direita continuava dobrada. Aí tentou passar o linimento mas, por causa do tremor, não conseguiu. E gritou de dor. Enquanto o irmão grisalho o amparou, a irmã lhe aplicou o linimento em toda a coxa.

Aos poucos a perna foi desdobrada até ficar reta novamente.

— Vamos levá-lo de volta ao seu laboratório, mestre zelador. Num instante estará lá!

— Não façam isto, este tremor não me deixa voitar.

— Como faremos, então?

— Vou retornar a pé. Voltem para junto dos seus, pois agora tudo está bem.

— Irmã, vá até eles e diga que tudo está bem! — pediu o senhor de cabelos grisalhos—Eu acompanho nosso irmão Sal!

— Eu irei, irmão. Mas logo estarei de volta! Trarei alguma veste para cobrir o mestre zelador.

Logo ela voltava com a veste encontrada. Era uma pesada roupa, se comparada à que Sal usava. Ao vesti-la, ele ficou parecido com um sombrio monge, dos que se vestem de preto.

O tremor diminuiu um pouco e lhe permitiu caminhar melhor. Mas um pouco mais velho Sal se sentiu. E assim que chegou ao laboratório, agradeceu a ajuda e se recolheu a um aposento isolado daquela morada.

Muitos dias se passaram antes de ele se decidir entre continuar a ser o mestre zelador ou ir embora dali. Havia lido e relido o que havia naquela pasta muitas vezes, tentando analisá-la à luz da razão.

Se fosse embora certamente decepcionaria mestre Giacomo, assim como não mais ocuparia os campos com espécies que viesse a estudar.

Mas, se ficasse, teria de ocultar Celsus ou se revelar de vez, pois por muito pouco aqueles espíritos não descobriram a verdade.

E o tremor era um aviso de que, se mentisse, seria punido pela Lei.

Após muito meditar, resolveu retomar aos campos para dar uma olhada nos reservatórios. E quando os vistoriou e viu que tudo estava bem, saiu à procura de outras espécies para estudar.

Quando retornou ao laboratório, depositou várias espécies sobre a mesa. E, após, trancou a porta para não ser interrompido por alguém que viesse buscar as seivas ali produzidas.

Cada vez que esgotava uma espécie, colocava na estante o livro que faltava sobre ela e depois volitava aos limites já ocupados, para curar mais uma fonte de extratos de energias vegetais. A dedicação dele foi total. No período de tempo de alguns meses, ele dobrou a dimensão dos campos produtores de energias vegetais líquidas.

Sua objetividade no estudo de uma nova espécie era total. Os livros agora eram menos volumosos, mas muito mais práticos e fáceis de se ler.

Se antes havia livros de análises e estudos dos vegetais astrais escritos por mestre Giácomo e Celsus, agora, em uma biblioteca oculta, também havia os de Sal, o mestre zelador.

E um ano depois da ascensão de mestre Giácomo, Sal alcançou os limites do hospital onde um dia havia estado após desencarnar. Ao vê-lo, ficou a meditar em como as coisas acontecem: um dia havia saído daquele hospital com o objetivo de conhecer o mundo. Mas como esta não era a vontade do Criador, até ele agora retornava, pois havia ocupado todos os campos existentes desde os limites do hospital até o laboratório do mestre Giácomo.

"Que ironia! — pensou ele — Saí daqui saudável e sonhador e retorno doente e sem vontade de sonhar. Estranhos são os caminhos que tomamos!"

E Sal ficou a contemplar o enchimento do reservatório de energias líquidas, tão estático quando do enchimento de todos os outros. Quando terminou, ele foi até um dos reservatórios secundários e fez surgir em sua mão um copo. Encheu-o de puríssima e saborosa energia líquida e a bebeu.

Depois de aprovar e se deliciar com o sabor do néctar, tornou a encher o copo e, derramando o conteúdo na terra, falou:

— Prove, irmã generosa! Prove uma amostra dos muitos frutos que tens dado à espécie humana.

"Ah, irmã amada! Tivesse eu braços para te abraçar, o mais envolvente dos abraços eu te daria em agradecimento e amor que sinto por ti. Como eu te amo, amada irmã terra!

Se Deus me permitisse, eu me ajoelharia e te daria um terno e amoroso beijo, pois entre todas as geradoras, tu és a mais fértil e generosa.

Sim, és muito fértil, minha amada terra. Jamais deixaste de germinar cada semente que em ti plantei. E tens me dado frutos em abundância que jamais os que nesses campos vêm colhê-los os esgotarão. Amada terra, se fosses uma mulher, eu seria teu. E contra todos eu te disputaria, pois outra tão compreensiva,

generosa e abundante quanto tu não existe. Como eu te amo, minha amada terra! Se o nosso amor não fosse um mistério divino, aos quatro cantos do Universo eu gritaria que te amo como a outra nunca ameí!

Sim, minha amada terra! Eu sei que você também me ama muito. Eu te compreendo. E por que te compreendo e te amo, é no teu seio que derramo lágrimas de amor neste momento em que alcancei meus limites nesta direção. Como me sinto feliz em te amar e ser amado por você!"

E Sal, soluçando, deixou correr lágrimas em abundância enquanto olhava para o solo. As lágrimas eram absorvidas assim que tocavam aquela "terra" espiritual. E logo a terra, emocionada com o amor de Sal por ela, também começou a chorar. Dois poderosos olhos d'água brotaram na superfície da terra bem à frente dele e correram até seus pés descalços. E subiram pelo seu corpo e vestes até encobrirem-no todo e, do alto de sua cabeça, formaram uma cascata cristalina.

Como a dor da perna cessou momentaneamente, Sal se ajoelhou e beijou o solo. Foi um beijo demorado, pois parecia que o espírito da terra ali se condensara para também poder beijá-lo. E quando Sal separou seus lábios da terra, acariciou-a com amor, carinho e ternura por um longo tempo antes de se levantar e dela se despedir com um aceno e um beijo enviado na palma da mão.

Então Sal afastou-se alguns passos, sempre olhando para os dois olhos d'água, para só então lhe virar as costas e, mancando, retomar o caminho de volta ao laboratório. Ele poderia ter volitado, mas, naquele momento, preferiu andar sobre sua amada terra, que jamais lhe negara frutos tão saborosos.

O amor entre eles era tão sincero que quando Sal pensava não existir mais nenhuma espécie a ser pesquisada, logo encontrava dezenas delas nos lugares mais incríveis. Era a sua amada terra lhe dando provas de amor, puro amor.

A verdade é que os elementos amavam Sal.

Ele era amado pela terra, refrescado pela água, aquecido pelo fogo e acariciado pelo ar. E se assim era, era porque na sua solidão ele amava os elementos, suas inseparáveis companhias, também eles, muito solitários.

Naqueles campos Sal era o quinto elemento. Era o elemento humano que trazia em si os outros quatro em total harmonia e equilíbrio.

Não mais que uma dezena de passos havia dado quando alguém o chamou:

— Irmão! Por favor, não se vá agora. Temos tanto a lhe falar!

— Quem?—perguntou Sal, virando-se lentamente, e olhando com os olhos ainda cheios de lágrimas, mas lágrimas quentes, muito quentes! Sal só viu vultos brancos.

— Nós, irmãos semeador. Queremos tanto falar contigo!

Sal retirou um lenço do bolso do manto escuro que o cobria por cima de sua veste diáfana e enxugou os olhos devagar. Então viu muito espíritos humanos olhando para ele.

— O que têm a me falar, irmãos?

— Nós o temos observado a distância, irmão zelador.

— Eu não tinha notado que me observavam, irmãos amados. Desculpem-me!

— Nós é quem pedimos desculpas por ousarmos contemplar seu divino trabalho. Mas nos tem sido impossível não olhar para o senhor quando surge nesses campos e os cobre com sua divina realização. Seu trabalho é divino. E abençoados nos sentimos por nosso Senhor nos ter proporcionado a oportunidade de contemplarmos um dos seus mais laboriosos anjos semeando os campos.

— É bondade vossa, irmãos. Eu sou só mais um dos servos do nosso Senhor.

— Irmão semeador, o senhor parece ser tão solitário.

— Sou sim. Já me habituei à minha solidão e a amo. Como eu amo a minha solidão! Ela me entende, compreende e nada me pergunta. Apenas usa de sua imensa sensatez e se cala quando em seus silenciosos domínios me entrego por inteiro e em todos os sentidos. Aí ela me possui e me conduz ao mais íntimo do meu ser, de onde posso contemplar a mim mesmo.

— O senhor multiplicou o trabalho do mestre Giacomo maravilhosamente.

— Irmão amado, conhecestes mestre Giácomo?

— Sim. Quando cheguei a este hospital, e pouco podia fazer, incumbiram-me de ir buscar os extratos e outras energias derivadas lá no laboratório do amado mestre Giacomo. E de vez em quando eu ficava a conversar com ele. Mas, como tudo sofre transformações, eu um dia fui direcionado em outro sentido e só mais algumas vezes voltei a vê-lo. Como está ele?

— Como agora ele está eu não sei. Mas ele, merecidamente, ascendeu a uma esfera superior habitada por espíritos angelicais. Que Deus o abençoe, pois outro ser tão humano quanto ele vai ser difícil eu encontrar.

— No que, a seu ver, ele era diferente, irmão amado?

— Mestre Giacomo não olhava o passado de ninguém. Ele preferia olhar o futuro, o qual o presente estava a indicar. Eu o amei mil vezes mais quando ele me disse que se alguém não quer olhar para o passado, não seria ele quem iria olhá-lo. Outro igual a ele não existe. Mestre Giácomo era um mestre de verdade. Eu sou muito grato a Deus por ter sido escolhido para substituí-lo quando de sua ascensão.

— É, ele me marcou também. Jamais o esquecerei.

— Ele é inesquecível.

— Como o senhor se chama, irmão amado?

— A minha amada terra em nossos diálogos íntimos me chama de Sal, o mestre zelador. E assim também me chamam meus amados irmãos e irmãs vegetais.

— Sal, o mestre zelador!

— É bonito, não?

— É sim. Mas, como é o teu outro nome, amado irmão?

— Já não te basta o que acabei de dizer, irmão amado?

— Sim. Mas...

— Por favor, irmão amado! Poupe-me de uma nova punição do meu Senhor. Já me bastou ter de vestir por cima de uma veste diáfana este manto escuro. Não me lance também à sanha da Lei do meu Senhor, pois, nos iguais a mim, ela age com um rigor implacável. Tremo só de lembrar do quão rigorosa ela foi comigo quando alguém quis falar sobre alguém que eu não queria.

— Sinto muito irmão. Eu não queria...

— Não importa. Os olhos da Lei já pousaram mais uma vez sobre mim. Agora só me resta esperar minha justa punição.

— Por Deus! Não vejo razões para a Lei puni-lo só porque perguntei seu outro nome.

— Mas a Lei sim! Mas isto agora não importa. Só me resta aguardar o juízo da Lei.

— Perdoe-me se toquei em alguma ferida dolorida.

— É uma ferida do passado. Só isto! E a Lei quer me vergar justamente por meio dela, irmão amado.

— Não vejo razões para a Lei puni-lo. É um semeador divino!

— À lei não importa o que sejamos ou façamos. O que a ela importa é o que tentamos não ser ou tenhamos deixado de fazer. Tome, aqui tens de volta a pasta que furtei da sua mesa, irmão amado! — falou Sal, com os olhos cheios de lágrimas, e devolvendo a pasta com a vida de Celsus.

— O senhor a furtou?

— Sim, irmão amado. Eu queria tanto andar livre pelo mundo que a furtei e lhe deixei uma pasta vazia sobre Celsus. Lembra-se?

— Por Deus! Como eu poderia esquecer!

— Hoje já não sou mais Celsus. Eu mudei tudo e tudo em mim mudou, assim como para mim tudo mudou. Celsus se foi com

mestre Giacomo. Em mim agora vive Sal, o mestre zelador, e ninguém mais. Foi por isso que semeei nesta direção em vez da oposta a este hospital.

Eu tinha de reparar um erro cometido diante do meu Senhor que, se muito me oferece, erros em mim não permite sem a imediata punição.

— Celsus! O irmão é Celsus?

— Já fui. Hoje não sou mais. Já não sonho mais, já não procuro mais e já não desejo mais. O Celsus espontâneo, tolo, inconseqüente e impulsivo cedeu seu lugar para Sal, o mestre zelador, que é um ser amargo. Tão amargo que se tornou trêmulo e só cessou com seus tremores quando irmãos amados o cobriam com este manto negro.

— Eu recebi outra pasta com informações sobre Celsus, irmão Sal. Pode ficar com ela, pois no final, só ao senhor ela interessa.

— O crime só é reparado com a devolução do objeto furtado.

— Mas os irmãos que aqui o trouxeram me enviaram outra igual!

— É assim que agem os pais benevolentes com os filhos que roubam. Em vez de irem até o filho e o obrigarem a devolver o que furtaram e depois repararem seus erros, preferem indenizar as vítimas deles e depois os evitam ou o deixam ir para longe, onde os erros deles não mais os incomodarão. E aí, outros são incomodados por eles.

Eu, totalmente mudado, voltei para devolver o objeto do meu crime, irmão amado, e para lhe pedir perdão. Só após obter o seu perdão estarei apto a ser punido pelo meu senhor. Antes, não.

— Mas...

— Não precisa ser agora, irmão amado. Antes de me perdoar, medite se mereço ser perdoado ou não pelo senhor.

— Por Deus! É claro que o perdão, irmão semeador!

— Medite antes, irmão. Eu o enganei, iludi e o roubei. Não aja como os pais indulgentes que não relevam os crimes dos filhos só para não terem que ser duros com eles.

Deus é pai, mas não é indulgente nem benevolente. Ele é tão somente um pai justo que, por amar muito seus filhos, não releva seus erros porque sabe que se assim não agir, outros mais graves eles cometerão.

— Irmão Sal, por Deus, eu juro que o perdôo. Em princípio me senti lesado. Mas, depois, boas gargalhadas eu dei ao lembrar de nossa entrevista tão diferente.

— Eu me arrependi de ter furtado aquela pasta, doutor. Como me arrependi!

— Por quê?

— Deus queria que eu permanecesse neste abençoado hospital. Mas não! Eu tinha que dar ouvidos aos meus tolos desejos!

— Não diga isto, irmão. Se Deus quisesse que você permanecesse aqui o teria privado de sua mobilidade.

— Mobilidade, irmão? Que mobilidade se eu só sabia andar? E só queria andar.

— Talvez paralisando suas pernas. Sei lá, irmão amado.

— Entendo.

— Mas minha filha disse que havia ensinado-o a voitar!

— Ela é sua filha?

— Sim.

— Pois diga a ela que não aprendi a voitar só de vê-la fazendo. Quando tentei, trombei com uma parede do hospital e me estatelei no chão. Apesar de muito desejar voitar, sempre que eu me lembrava do que havia acontecido, dava boas gargalhadas.

— Apesar de não ter sido agradável, no entanto deve ter sido divertido, não?

— É, foi sim. Nunca vou me esquecer do pontapé que dei naquela parede, furioso por não ter passado por ela tão facilmente quanto vi sua filha fazer.

E Sal, o mestre zelador, riu do que havia acontecido com o tolo Celsus. Tanto riu que o doutor também começou a rir, imaginando o que tinha acontecido com ele.

Ainda estavam rindo quando Sueli surgiu ao lado do pai, o doutor Fábio. E Sal, ao vê-la, saudou-a:

— Olá, mocinha! Continua tarada ou não?

— Quem é este espírito do baixo astral, papai?

— Não o reconheceu pelo modo como a saudou, filha?

— Eu não, papai.

— Este é nosso irmão Sal, o mestre zelador. Mas, no passado, por aqui passou com o nome de Celsus. Você não se lembra dele?

— Mas como está mudado!

— Na vida, tudo sofre transformações, irmã amada.

— Contigo parece que foram bem intensas, não?

— É, foram sim.

— Mas não me lembro de tê-lo visto usar bengala, irmão. O que aconteceu contigo?

— A lei me puniu por ter fugido deste abençoado hospital e perdi a mobilidade da perna direita.

— Pois ela deveria ter sido mais rigorosa e ter lhe tirado a mobilidade das duas por nos ter feito de tolos diante dos irmãos que o trouxeram ao hospital dirigido por meu pai.

— Não se aborreça com a lei, irmã. Se ela não me paralisou por completo é porque eu tinha algo a realizar nestes campos. Mas agora que já fiz o que tinha de fazer, ela me punirá. Afinal, o perdão já me foi concedido e a sentença pronunciada. Mas deixemos de falar de coisas tristes e falemos de coisas alegres e agradáveis, certo?

— Isto mesmo, irmão Sal! — exclamou feliz o doutor Fábio.

— Por falar em coisas agradáveis, nunca provei um néctar tão delicioso quanto o que esta última planta ofereceu.

— Verdade?

— Claro! Acho que vou saborear mais um copo dele antes de retornar ao meu refúgio, irmão doutor. Vocês me acompanham?

— Claro, irmão Sal. Quisera eu tê-lo conhecido nos teus tempos de alegria!

— Por quê?

— Boas gargalhadas teríamos dado.

— É, eu era meio zombeteiro mesmo. Revelaram-lhe de onde surgiu o nome Celsus?

— Revelaram-me sim. Mesmo já não sendo Celsus, foi bom reencontrá-lo, irmão amado.

— Eu não gostei de revê-lo, irmão. Por que retornou? É porque está ferido e precisa de ajuda para curar esta tua perna? — falou Sueli.

— Em princípio, pensei que teria de retornar até aqui para curá-la. Mas depois descobri que não era ela que precisava ser curada, mas sim que a outra é que deveria ser ferida também. Mas isto não importa, pois obtive o perdão do amado irmão doutor. Isto é o que importa!

E Sal fez surgir uma grande quantidade de copos nas mãos dos espíritos ali reunidos. Depois de encher o seu até derramar, ele falou:

— Irmãos amados, tenho de retornar ao meu refúgio. Que a paz esteja convosco!

— Não quer ficar conosco para saborear este néctar, irmão Sal?

— Não, irmão Fábio. O doce néctar deve ser saboreado entre sorrisos, mas onde deve o sentenciado beber seu amargo cálice de fel senão aos pés do calvário?

— Não o compreendi, irmão Sal! — exclamou o doutor.

— Prove-o, doutor! — pediu Sal. E o doutor provou e exclamou:

— É delicioso, irmão.

— Fico feliz. Isto é o que importa! — exclamou Sal, dando as costas para eles e se afastando, mancando. Depois de dar alguns passos, volitou e desapareceu da vista de todos.

— Este Sal é o mesmo Celsus, pai? — perguntou Sueli.

— Não é, filha. Ele sofreu uma dolorida transformação.

— Nada disso! Continua tão zombeteiro como no passado. Continua a falar de uma forma incompreensível, mas tenho certeza de que estava zombando.

— Não, filha.

— Estava sim. Eu não ouvi suas gargalhadas, mas vi como agitava aquele manto negro com elas.

— Será?

— Pode ter certeza disso, papai!

— Se zombou de nós ou não, pouco importa, pois o néctar que nos proporcionou, só alguém como ele seria capaz. Nunca vi ninguém fazer algo igual!

— Foi ele quem fez este néctar?

— Sim. Nós já vínhamos observando há algum tempo as mudanças nestes campos. E descobrimos que era ele quem, não sei como, fazia surgirem flores, árvores, frutíferas ou não, e criar imensos depósitos de energias líquidas. Acho que era isso que ele deveria ter feito nestes campos. Mas a partir deste hospital.

— Será?

— Claro! Foi isso que ele insinuou.

— Eu não sabia disso, papai. Qualquer hora vou agradecê-lo por este néctar tão delicioso.

— É, faça isto, pois ele é muito solitário.

— Mais que eu?

— Mil vezes mais que você, filha amada.

— Tanto assim?

— Muito mais que você possa imaginar.

— Mas ele zombou de mim ao me chamar novamente de tarada, papai.

— Quem falou aquilo não foi o ser que vimos chegar aqui. Sal, o mestre zelador, no final, agiu como Celsus para nos iludir. Mas eu sei que se ele assim agiu, foi para nos iludir. Só não atino com que intenção.

— Então eu estou certa: ele zombou de nós mais uma vez.

— Ele não zombou da outra vez. Apenas realizou um desejo e pagou um preço alto!

— A perna?

— Isto mesmo. Mas se ele não veio para curá-la, então...

— Então o quê, papai?

— A sentença! Meu Deus, o perdão e a sentença! Ele não queria que eu lhe concedesse o perdão agora. Até pediu para eu meditar sobre o perdão! O sacudir do manto dele que você viu não era por gargalhar, filha. Eram soluços!

— Por quê?

— Celsus primeiro foi perdoado, e só então sua sentença foi emitida.

— Que sentença, papai?

— A de que a outra perna também deveria ser ferida.

— Como?!

— Não foi mais ou menos isso que ele disse quando você lhe perguntou se havia retornado para curar a perna ferida?

— Foi sim.

— E não foi você quem disse que o preço tinha sido pouco porque as duas pernas dele deveriam ter sido feridas?

— É, falei isto.

— Pois eu disse que, se Deus quisesse que ele ficasse aqui, o teria privado da mobilidade. A sentença é esta, e já foi pronunciada. Aos ouvidos da lei, Celsus, ou Sal, partiu soluçando e agora já deve estar pranteando o momento em que perderá os movimentos de sua outra perna. Todo ser humano que se entrega à solidão é um ser infeliz. Mas Celsus é mil vezes mais infeliz, pois chega a

amar a solidão. E agora a hora da solidão possuí-lo está chegando, ou já chegou. Quem sabe?

— Vamos atrás dele?

— Não. Ele tem de sair do seu refúgio pela própria vontade de estar junto de outros seres humanos. Nós nada faremos de bom por ele neste momento.

— Por que não?

— Quem está atuando nele intensamente é Deus, minha filha. Não interfiramos em uma vontade do nosso Senhor, está bem?

— Mas ele me curou, papai. Devo isto a ele!

— Não é a ele que deves. É a Deus, minha filha.

— Certo, mas a ele devo ao menos a gratidão.

— Ele fugiu da gratidão. Ele não quis ser reconhecido nem quer o reconhecimento dos que ajudou.

— Será?

— Claro. Aguardemos outro encontro com ele. Talvez assim ele não dissimule mais o que estiver sentindo no mais íntimo do seu ser.

O fato é que Celsus nem gargalhava nem soluçava quando se afastara deles. O que ocorrera é que o tremor estava tão intenso que ele não o controlava mais.

E quando volitou, perdeu o domínio sobre seu consciente e despencou em um escuro precipício, indo cair sobre uma rocha, batendo justamente a perna esquerda.

A dor foi tão aguda, mas tão aguda, que nem gritar ele conseguiu. Apenas desmaiou e ali ficou.

Quando recobrou os sentidos, começou a sentir dor e a gemer alto, pois agora suas duas pernas doíam e não tinha um linimento para passar nelas. E também não pôde ver o quanto estava ferido, pois luz, onde estava, não havia.

Tateou o solo à volta e não encontrou sua bengala, mas segurou em algo duro e tentou ver o que era. Como não foi possível, pela ausência de luz, procurou com o tato descobrir o que tinha nas

mãos. E quando percorreu aquele objeto de ponta a ponta, viu que tinha nas mãos um tridente ou garfo de Exu, como havia aprendido. Aí pensou: Que ironia! Quando não me oculte e falei a verdade, pois eu queria retornar, volto ao princípio do meu início ou minha iniciação. E além do mais, não volto nem como Exu nem como escravo deles. Não, comigo até o princípio tinha de ser diferente!

— Tenho de reiniciar como um espírito sofredor. Que ironia! Que retorno! Que tombo!

— E tudo porque eu só desejava vagar um pouco pelo mundo.

— Por que será que as coisas para mim têm de ser diferentes? Imagine só, depois de aprender tanto, fazer tanto e sofrer tanto, acabo como sofredor!

— Se não fosse esta dor infernal, eu daria umas boas gargalhadas aqui no inferno. Mas como rir não é bom para mim agora, o negócio é ver onde, afinal, estou. E, para isso, é melhor adaptar meus olhos à escuridão total, pois só assim verei as escuridões parciais.

Ele realmente habituou seus olhos à escuridão total e logo começou a ver onde estava.

Viu que havia caído em um vale rochoso. Era quase uma pedreira, pois, se havia terra, não podia ser vista por causa da camada de pedra que ali havia.

— Estou em uma pedreira, isto é certo. Também estou nas trevas, certo? E o que encontro quando procuro minha bengala?

— Tudo é simbólico, mas muito visível. Até minha veste diáfana ficou negra. Então estou nos domínios do Exu Pedreira, ou do Sete Pedreiras, ou da Pedra, ou do Sete Pedras. Isto é certo!

As pedras são o resultado do esfacelamento de uma rocha, ou montanha. Logo, eu, aqui, sou um pedaço do que já fui. Mas como me sinto quente novamente, pois a friagem e os tremores cessaram, então sou um novo tipo de Exu na área.

— Vamos ver como me chamarei! Mas deixe-me achar uma pedra bem legal antes de me batizar!

Ele procurou com os olhos à sua volta até encontrar uma pedra que o agradou. Ela era longa. Tinha uns trinta centímetros de comprimento. Após olhá-la demoradamente, por ela optou não sem antes fazer um gracejo: ela até parece com o meu..., que tanto atraiu aquela enfermeira tarada!

E aí ele riu da comparação até se esquecer da dor que sentia.

Com um movimento das mãos, puxou a pedra para junto de si e, segurando-a com uma mão, com a outra acariciou aquela pedra fálica e murmurou:

— Como ela teria sido como mulher? Será que teria sido bom? Afinal, pensando melhor, ela é um mulherão!

— Que idiota eu fui! Podia muito bem ter dado a ela o que ela tanto queria, e ter saboreado seu fruto de polpas macias. Que idiota eu fui!

— Como ela era bonita! Ou melhor, ainda é!

E ele sentiu-se excitado com a lembrança dela. Logo, a pedra em sua mão esquentou e pegou fogo. Aí, de repente, exclamou: é isto! A partir de agora sou o Pedra de Fogo!

E com uma pedra em cada mão, gargalhou alto e por um bom tempo. Mas quando tentou se levantar, a graça se acabou e ele emitiu um gemido de dor.

— Que droga! Aquele irmão doutor tinha que sugerir logo a minha imobilização? E aquela enfermeira tarada tinha de desejar que minha outra perna também fosse ferida?

— Que droga! Agora vou ter de ficar assim, de pernas cruzadas como se fosse um logui e me mover de um lugar para outro pela volitação.

— Bom, ao menos só fui paralisado, mas continuo a poder me deslocar de um lugar para outro, e sem sentir dor.

— Mas isto não ficará assim não! Um dia, você irá se sentar aqui, mocinha tarada! Ah, se irá! Por esta Pedra de Fogo na minha mão

esquerda te prometo que na minha mão direita você haverá de se sentar. Ela te incendiará e fará com que sua deliciosa fruta carnuda derrame tanto do seu doce néctar, que ficarei embriagado.

E Pedra de Fogo, o novo nome de Celsus, gargalhou à vontade. Mas, de repente, calou-se e falou:

— Tenho de conhecer meus poderes negativos antes de mais nada. Como meus conhecimentos das energias positivas são muitos, vou conhecer as negativas. E começarei pelo fogo.

Pedra de Fogo dominava os elementos neutros e conheceu as energias negativas originadas neles. E imantou sua pedra com um poder tão grande que poderia fulminar todas aquelas pedreiras com ela.

E começou a estudar as outras energias negativas existentes naquele lugar. Quando esgotou todas, como era seu método e hábito, volitou para mais adiante e descobriu mais alguns padrões energéticos negativos.

E foi se deslocando por meio da volitação de um lado para o outro, sempre estudando as fontes de energias negativas que descobria. E como era seu hábito, livros e mais livros iam sendo ocupados pelas suas descobertas. Acabou saindo daquele plano pedregoso e avançou em outros, que também estudou a fundo.

Mas quando entrou no das montanhas, surgiu um contratempo: foi cercado por muitos espíritos bem armados que o ameaçaram.

—Acalmem-se, companheiros! Não vim aqui para incomodar ninguém. Apenas quero estudar as energias aqui existentes.

— Isto aqui não é escola para você estudar, companheiro. Acompanhe-nos, pois é nosso prisioneiro.

— Não seja estúpido, companheiro. Entrei neste domínio porque eu quis. E só sairei daqui se eu quiser. Portanto, tratem de dar o fora antes que eu me sinta incomodado.

— Você pediu, companheiro! — exclamou o chefe daquela falange trevosa. E apontaram seus tridentes na direção de Pedra de Fogo, irradiando forte. Mas só com um movimento de sua mão esquerda

eles foram desarmados. E todas as armas que carregavam foram parar na frente dele, que ordenou:

— Fiquem quietos e venham para onde eu possa vê-los bem, pois, se fugirem, eu os desintegro, e se me tocarem, serão fulminados!

Alguns tentaram voitar e dali sair, mas uma força muito poderosa os manteve imobilizados. E foram jogados de joelhos na frente de Pedra de Fogo. Então ele falou:

— De agora em diante vocês me servirão, companheiros! Eu sou vosso novo senhor. E não admito desobediências. Ouviram?

— Sim, amo e senhor! — responderam eles, muito assustados.

— Sem essa de amo e senhor. Sou o mestre Pedra de Fogo, para vocês e para todos!

— Sim, mestre Pedra de Fogo.

— Ótimo. Vou rearmá-los, mas com armas muito mais poderosas que estas que vocês traziam pois, para mim, elas são inúteis.

E Pedra de Fogo pegou sua pedra na mão esquerda e a levantou. Ao redor dela os elementos negativos se agitaram e fogo surgiu desde o ombro dele até as pontas da pedra. Então ele irradiou sobre aquelas armas e as dotou com um poder muito maior do que aquele que antes tinham. E ordenou que as pegassem de volta.

— Agora eu os nomeio guardiões da minha pedreira. Vão até ela e aguardem até eu retornar, companheiros!

— Onde ela fica, mestre Pedra de Fogo?

— Vou enviá-los a ela. E não atentem contra o meu poder ou os farei se arrependerem por todo o sempre!

— Nós aguardaremos com nossas vidas, mestre Pedra de Fogo!

— Se alguém invadir meu domínio, aprisionem. E se alguém nele cair, dele só sairá se eu permitir. Entendido?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Preparem-se, pois vou enviá-los para o meu domínio.

E Pedra de Fogo, com um movimento de sua mão direita, enviou-os à sua pedreira. E novamente a sós, retomou seu estudo das energias ali existentes. Quando terminou de estudar e já se

preparava para se deslocar a outro plano ou lugar, surgiu na frente dele toda uma falange de espíritos femininos daquele domínio.

— Oba! — exclamou ele ao ver tão atraentes formas femininas — Quem são vocês, garotas?

— O nosso senhor nos enviou até você, companheiro.

— Ótimo. Afinal, tenho companhias que me agradam.

— Está convidado a visitar o Trono do nosso senhor.

— Convite aceito. Para quando é?

— Agora, se possível, companheiro...

— Pedra de Fogo, irmã.

— Acompanhe-nos, Pedra de Fogo!

— Acompanho sim, irmã. Você me guia, pois não conheço nada por aqui.

E logo ele se viu no interior de uma montanha, era algo como uma caverna gigantesca, mas toda trabalhada. Gigantescas colunas de granito ornavam um e outro lado dela, formando um átrio magnífico.

Mestre Pedra de Fogo ficou a observar cada detalhe do santuário do homem sentado em um imponente trono de pedra, e segurando um cetro com um símbolo negativo.

Enquanto observava tudo à sua volta, ele era observado atentamente pelo ocupante do trono, que não desviou os olhos daquele novo habitante das trevas. E quando Pedra de Fogo viu o "palácio", começou a observar os seres ali presentes, até pousar seus olhos no ocupante do trono. E num piscar de olhos analisou as energias que aquele cetro continha. Aí sorriu e o saudou:

— Salve, companheiro! Obrigado pelo convite. Muito me honrastes e não sei como agradecer tanta amabilidade!

— Quem é você, companheiro? — perguntou o ocupante do trono.

— Sou só um estudioso das energias negativas, irmão.

— Como é seu nome?

— Mestre Pedra de Fogo, e o seu?

— Por que este nome?

— Encontrei todo um domínio inabitado. E como gostei desta Pedra de Fogo que encontrei nele, adotei o nome para mim.

— Que nome este seu nome oculta?

— Ah! Se um nome ele oculta, então não serei eu quem o revelará, certo?

— É, acho que não. O que faz em meus domínios?

— Eu já disse: estudando.

— Não acredito. Você aprisionou uma falange minha.

— Se eles não tivessem apontado suas armas para mim, eles ainda seriam seus. Mas ao apontá-las contra mim, meus se tornaram. E agora guardam meu pedregoso domínio.

— Como é que nunca antes eu o havia visto?

— É porque antes nunca havia me visto, certo? — Muito lógico.

— É sim. Eu também o estou vendo pela primeira vez.

— Isto é verdade.

— Como é teu nome, ou melhor, como o chamam?

— Exu Sete Montanhas.

— Puxa, que legal. O Sete Montanhas em pessoa!

— Conhecia o meu nome?

— Claro! Quem não conhece seu nome? E um dos grandes das linhas da esquerda! Salve suas forças, companheiro!

— Salve as suas também, companheiro Exu Pedra de Fogo.

— Mestre Pedra de Fogo, por obséquio!

— Isto!

— Assim é melhor. Mas... em que posso servi-lo, irmão de sina?

— Que tal começar por me devolver minha falange?

— Companheiro, não seja miserável! É só uma falange. E você tem tantas!

— Mas são minhas.

— Não se arrependerá por eu ter me assenhoreado dela, acredite-me!

— Irá devolvê-la, companheiro! Não perco um escravo meu.

— Você não os perdeu, apenas os confiou a mim temporariamente, certo?

— O quê?

— É, e fizeste um ótimo negócio, pois terá um bom retorno.

— Eu fiz?

— Claro! O que deseja por eles?

— Você!

— Como?

— Eu quero você, companheiro mestre Pedra de Fogo.

— Para quê?

— Para me servir.

— Até aí tudo bem. Como posso servi-lo, irmão de sina?

— Você aceita me servir?

— Claro. Afinal, eu sou novo na área e posso muito bem dar uma mão a você, certo? Ou amigos não são para essas coisas? Além do mais, gostei desta falange de belas moças e as quero para mim também!

— O quê?

— É, são muito atraentes. Como estou numa abstinência absoluta por muito tempo, e vi que elas estão carentes, então é o encontro da fome com a comida e vice-versa.

— Você as quer?!

— Sim. Mas sei que você nem notará a ausência temporária delas, pois teu palácio está cheio de belas moças.

— Cheio delas, não?

— Sim. Mas quando eu voltar ao meu domínio vou construir um palácio para mim, e aí vou abrigar nele todas as moças que nele quiserem ficar.

Após dar uma sonora gargalhada, o Exu Sete Montanhas exclamou:

— Quanta presunção!

— Não sou presunçoso, irmão. É uma necessidade, pois quero o melhor para minhas irmãs de sina. Todo conforto para elas, certo?

— Conforto?

— Claro! Camas macias, roupas sedosas, armas poderosas e alimentos saborosos. E coisas assim!

— Isto eu quero ver, mestre da Pedra de Fogo!

— Verá, irmão. Só não me decidi pela forma do meu palácio.

— Quem o construirá para você?

— Oras, eu mesmo!

— Como?

— Construindo-o, oras! Só não me decidi se opto pelo estilo grego, romano ou medieval.

— Está brincando, mestre Pedra de Fogo!

— Não estou não.

— Por que não constrói um em estilo romano só para eu ver? — disse rindo o ocupante do trono das Sete Montanhas.

— Estou indeciso, companheiro. Eu precisava dar uma olhada em outros palácios das trevas, pois não quero fazer nada que destoe do restante.

— Compreendo. Este é o primeiro que conheces, certo?

— Isto mesmo. Gostei dele, mas é um tanto opressivo para o meu gosto.

— Por quê?

— Só tem uma entrada, oras! Além do mais, a iluminação é um tanto deficiente.

— Deficiente? Você disse deficiente?

— Claro! Olhes aquelas formosuras lá adiante. Mal dá para vê-las!

— Isto eu quero ver no seu palácio, companheiro!

— É, isto verás.

— Por que não constrói um e, caso não o aprecie, o destrói e constrói outro?

— Boa idéia. Vou construir um amplo e espaçoso palácio romano!

— Posso vê-lo construí-lo?

— Claro. Mas as garotas nos acompanham, certo?

— Elas o agradam?

— Sim. Mas está vendo aquela lá no fundo, ao lado daquela coluna negra?

— Sim.

— Gostei dela demais! Ela pode nos acompanhar?

— Claro. Ela nos acompanhará até seu novo palácio, mestre da Pedra de Fogo.

— Vou gostar dela, irmão!

— Acredito que já gostou, "irmão".

— É verdade. Você sabia que nunca toquei em uma loira?

— O quê???!!!

— É verdade. Saí uma vez com uma que tinha os cabelos loiros, mas na hora do bem bom, vi que eram tingidos! Pode uma coisa dessas?

— Eu não acredito! E o ocupante do trono gargalhou tanto que quase escorregou dele. Quando conseguiu controlar o riso, chamou a loira para perto e, ainda rindo, falou:

— Dê uma boa olhada, pois talvez ela também seja uma falsa loira, irmão!

— Eu já a olhei na sua origem. É um espírito originalmente de cabelos e pêlos claros.

— Ah, você já olhou?

— Claro. Eu a examinei assim que cheguei, e gostei dela.

— Não tem mais nenhuma que tenha gostado?

— Muitas, mas não seria bom eu ir logo de cara dizendo: esta, aquela e aquela outra, irmão. Não! Por enquanto me bastam as da falange que me recepcionou, além desta loira encantadora. Acho que vou elegê-la a primeira das minhas princesas!

— A primeira das suas "princesas"?

— Isto mesmo. Com tanta beleza, ela é digna desse título, não acha?

— Acho sim. Ela já é a tua primeira princesa, irmão. Mas, e o palácio?

—É verdade! Tenho de ter um palácio para ela poder ser uma princesa, certo?

—Isto mesmo.

—Vamos ao meu ainda inabitado domínio, irmão das montanhas?

—Claro. Só que vou levar minha escolta pessoal.

—Para mim, tudo bem.

—Para mim também, irmão das pedras de fogo! Para mim também!

E à volta do trono surgiram vários seres de aparências assustadoras. Após observá-los um a um, Pedra de Fogo indagou:

—Para que você precisa desses irmãos à tua volta, companheiro?

—Não sei ao certo se posso confiar em você, irmão "novo" na área.

—Pode deixar. Se alguém o incomodar eu o fulmino no ato e o entrego a você já reduzido a um ovóide.

—Faria isto por mim?

—Claro. Você, ou alguém de suas falanges já me ajudou muitas vezes quando eu vivia no corpo carnal. E isto é o mínimo que posso fazer por um amigo.

—Você conseguiria subjugar estes meus escoltas?

—Claro. Eles me respeitam, pois me reconheceram assim que me viram. Basta eu ordenar e eles me obedecem.

—Por quê?

—Oras, eles me reconheceram assim que me viram. Agora, já estão submissos a mim. Mas não se preocupe não. Eu disse a eles que você é meu irmão de sina e meu amigo, e que o defendam com suas próprias vidas. E que se algo lhes acontecer ao defendê-lo, eu os ampararei, curarei e fortalecerei.

—Verdade? — perguntou o ocupante do trono à sua "monstruosa" escolta.

—Sim, senhor. — responderam os componentes dela.

—De onde vocês o conhecem, escravos?

—Daqui, senhor. Só agora é que o vimos.

—E como o reconheceram?

— Assim que o vimos senhor.

— De onde?

— Daqui, senhor.

— Nunca o tinham visto antes?

— Já, senhor.

— De onde? — perguntou ele impaciente.

— Isto não importa, senhor.

— O que importa então, escravos?

— O que importa é que agora nós o estamos vendo. Isto é o que importa!

— Devo temê-lo?

— Não.

— Por que não?

— Ele não o teme, e o tem na conta de um amigo. E isto para nós é o que importa, senão já o teríamos fulminado, senhor!

— O quê?!

— O que dissemos, senhor. E mais não diremos.

— Podem retornar aos seus refúgios nos infernos, escravos. — ordenou o ocupante do trono.

— Vamos, irmão de sina? — perguntou o mestre da Pedra de Fogo.

— Vamos. Mas depois preciso lhe fazer algumas perguntas.

— Tudo bem. Mas agora preciso construir um palácio para minha princesa, certo?

— Certo. Onde fica esse seu domínio desabitado?

— É uma pedreira abandonada. Eu o conduzo, assim como às garotas.

— Vou levar mais algumas "garotas" por precaução, irmão de sina.

— Tudo bem. Em se tratando de garotas, quanto mais, melhor.

— É, acho que sim. Mas quero ver como irá fazer, e no que isto vai dar!

Eles volitaram até a inabitada pedreira. Mas o que encontraram foi um pedregoso abismo coalhado de espíritos caídos ou aprisionados ali.

— Que droga! — exclamou o mestre da Pedra de Fogo.

— O que é isto, irmão de sina?

— Já descobriram que estou nas trevas. Que coisa!

— Quem descobriu que você aqui está?

— Os guardiões da Lei. Acabou a solidão no meu domínio!

— Isto aqui nunca foi desabitado! — exclamou o Exu das Montanhas.

— Era sim. Vou saber o que aconteceu por aqui num instante, irmão.

E o mestre da Pedra de Fogo gritou pelos guardas. Logo, o chefe deles surgiu na sua frente e o saudou:

— Salve, mestre da Pedra de Fogo! Às suas ordens, meu senhor.

— Guarda, o que aconteceu aqui?

— Nem eu sei, senhor. Bastou nós assumirmos nossos postos para começar a cair espíritos devedores da Lei por todo o vosso domínio. E parece que o inferno inteiro está tentando entrar aqui. Nós os estamos subjugando e aprisionando, segundo as suas ordens, senhor.

— Tudo bem. Logo porei ordem nisso!

— Isso eu quero ver. — murmurou o Exu das Montanhas.

— Verá, irmão! Mas antes tenho de encontrar um lugar não ocupado para construir o meu palácio. Ah, já o vi. E parece que só sobrou ele mesmo!

Então o mestre Pedra de Fogo, após dar uma olhada demorada, murmurou:

— Vou ter de usar de muita criatividade se quiser ter um pouco de paz neste meu novo campo, irmão.

— Por quê? — quis saber o Exu das Montanhas.

— Todo o inferno está olhando para cá neste momento.

— Por quê?

— Já fui visto por ele. Agora não adianta mais.
— O que não adianta mais?
— Já fui visto, oras. Isto é o que importa. Vou construir logo o meu palácio, senão não terei paz.
— Por quê?
— Todos eles me querem, oras!
— Que confusão!!!
— É sim. Mas o que não é confuso no inferno?
— Tudo no inferno é confuso, irmão das Pedras de Fogo!
— É sim.

E o mestre da Pedra de Fogo irradiou forte com as duas mãos, fazendo surgir à sua frente uma poderosa massa energética multicolorida. Aí se aproximou dela, encostando a palma das mãos, e logo um fabuloso palácio começou a se formar com uma rapidez impressionante. E quando ficou pronto, outra energia ele irradiou à direita e fez surgir uma fachada comum com uma porta larga. Então irradiou à esquerda, e outra fachada surgiu, também dotada de uma porta larga. Só então exclamou:

— Pronto! Já tenho um ponto de referência nas trevas. Agora vou anunciá-lo aos sete infernos ou não terei tempo nem para provar o sabor desse fruto dourado, nem de cumprir o que a mim prometi.

— E me permites saber o que prometestes, irmão?

— Claro. Prometi fazer uma certa enfermeira tarada sentar-se no meu colo e derramar tanto do seu néctar que eu ficaria embriagado.

— Por quê?

— Oras, ela me tentou em um momento em que eu não podia ser tentado. Aí fugi para me proteger. Mas não adiantou nada. A tarada, insatisfeita, me enviou justamente para onde, toda quebrada, ela estava antes de ser resgatada por mim para o meio espiritual humano.

Mas isto agora não importa. O que preciso fazer é falar com meus irmãos de baixo.

— Seus irmãos de baixo?

— Silêncio, por favor, irmão. Eu já os chamei.

E poderosos estrondos se fizeram ouvir, surgindo as mais inacreditáveis criaturas. Aí o mestre da Pedra de Fogo olhou para cada uma delas, e logo foram desaparecendo, também com estrondos. Quando tudo silenciou, o Exu das Montanhas perguntou:

— O que você falou para eles?

— Quase nada. Apenas que aqui permanecerei até realizar a promessa que fiz a mim mesmo. E que não quero que enviem para o meu domínio temporário todos os espíritos que estão caindo nas esferas negativas o tempo todo.

— Foi por isto que seu domínio ficou coalhado de sofrendores?

— Sim. Foi só me verem, começaram a me enviar os caídos. Ainda bem que voltei logo, senão isto aqui iria ficar parecido com uma pedreira composta de pedaços de espíritos humanos despedaçados por seus erros, falhas e pecados. Já imaginou uma pedreira assim?

— Nem quero imaginar! Prefiro olhar o interior do seu palácio, irmão mestre.

— Vamos, pode entrar, pois as portas dele estão abertas para os amigos.

— Por que você só fica sentado, irmão?

— Minhas pernas estão feridas. Ou assim permaneço, e sou senhor, ou as estico, e me torno escravo.

— Senhor do que e escravo de quem?

— Senhor da minha consciência ou escravo de minha dor, oras!

— Muito sábio.

— Preciso usar um pouco da minha sabedoria ou não vou poder apreciar bem o meu palácio. Um momento e tudo resolvo!

E o mestre da Pedra de Fogo irradiou um pouco de energia, que deu forma a uma liteira, ou algo parecido dotado de cortinas rubras. Aí escolheu algumas moças da falange e falou-lhes:

— Irmãs, algumas de cada lado, pois vou me assentar aí dentro. Vocês ficam com o trabalho de me carregar quando for preciso.

Mas não se preocupem, pois não sentirão peso algum ao me carregarem, certo?

E ele foi carregado palácio adentro.

Não é preciso dizer que o Exu Sete Montanhas ficou admirado com o que via. E após dar uma olhada no interior do palácio, murmurou:

— Só vendo para acreditar, Mago!

— Não é Mago, irmão. Sou só um mestre.

— Mestre coisa nenhuma, irmão. Você, com este título, oculta um Mago original, isto sim!

— Não vamos discutir quanto ao que acredita. Sou o mestre da Pedra de Fogo, e pronto!

— Se assim deseja, que assim seja. Não serei eu quem irá contrariá-lo, irmão. Até ao contrário, tem meu apoio em todos os sentidos, certo?

— Vamos brindar à minha queda?

— Você caiu?

— Claro! Ou de que outra forma eu viria parar aqui? Eram tantos desejando que eu subisse mais um pouco!

— E você não quis?

— Como poderia, se aqui embaixo tantos estão a gemer de dor e desespero?

— O que você tem a ver com eles?

— Tudo! Sou um resgatador de espírito caídos.

— E por isso caiu?

— Mais ou menos. Mas a razão principal foi o desejo de uma certa enfermeira.

— A tal que ainda haverá de...

— Isso mesmo.

— Você a odeia?

— Não! Pelo amor de Deus, é claro que não. Eu até que fiquei tentado por ela, sabe?

—Então por que não a satisfizes enquanto estavas intacto no corpo espiritual?

—Achei que não devia. E me ferrei, pois fugi do caminho que haviam traçado para mim.

— É, essas coisas acontecem.

—Acontecem sim. Mas agora não adianta chorar, certo?

—Pois se chorar, aqui nas esferas negativas, acaba um sofredor, certo?

— Isso mesmo.

— O que pretende fazer em seu domínio?

— Ainda não sei. Eu pretendia continuar a estudar as energias negativas nos muitos planos existentes nas esferas negativas.

— Para quê?

— Para conhecer, oras!

— Compreendo.

— Mas acho que vou ter de interromper um pouco os meus estudos até organizar as coisas por aqui.

— Precisa de ajuda?

— Por enquanto não. Você já foi muito generoso me emprestando seus guardas e suas moças. Só espero não estar abusando da sua generosidade e paciência, pois quando as coisas começam a acontecer para mim, tenho de me socorrer com quem sei que é amigo, mas... deixemos de falar em trabalho e vamos ao brinde, certo?

— O que temos por aqui para podermos brindar?

— Que bebida preferes, irmão?

— Água.

— O quê?

— Isso mesmo. Eu preciso de um bom gole de água pura e fresca. Não imagina como sinto sede!

— Bom, isso é fácil de se resolver!

E o mestre Pedra de Fogo irradiou um pouco de energia, que logo formou algo parecido com um filtro de água igual aos existentes no plano material, que são feitos de barro. Aí fez surgir uma pedra

na mão esquerda e a tocou com o dedo indicador da mão direita, abrindo um buraco que começou a jorrar água cristalina e fresca. Aí a depositou dentro do filtro de barro e falou:

— Agora, um copo para você beber a mais pura e refrescante das águas, pois esta provém do reino elemental aquático, direto para seu filtro, irmão!

— Eu não acredito!!!

— Tome o copo e prove, ora!

— E o que vou fazer, irmão.

Após beber vários copos, o Exu das Montanhas exclamou:

— É água pura e fresca!

— É sim. E quando voltar ao seu domínio, leve este filtro, pois é um presente deste irmão seu, que finalmente pode retribuir um pouco do que você já fez por mim.

— Obrigado, irmão Pedra de Fogo.

— Bom, eu prefiro uma taça de champanhe espumante. E, caso as moças queiram, também poderão dela beber! — falou ele mais alto, chamando-as com um sinal de mão. Aí fez surgir muitas garrafas de champanhe e taças. E então falou:

— Sirvam-se, irmãs! Por enquanto, tudo é festa!

Não é preciso dizer que aquelas "moças" finalmente saíram dos seus silêncios e soltaram a língua, provando do delicioso champãhe. Aloira, que não saía do lado dele, comentou:

— Se eu falar sobre isso às minhas companheiras, elas não acreditarão, meu senhor!

— Então não comente nada, certo?

— Mas aí, perco a oportunidade de exibir um pouco o seu poder, meu senhor!

— A sabedoria não reside no que mostramos, mas sim no que ocultamos dos ignorantes que, por inveja, ambição ou simples desejos, acabam por tirar o encanto das coisas, irmã.

— É?

— Claro que é! Imagine vocês saírem por aí falando sobre isso. Logo uma multidão incontável aqui viria só para ver eu fazer isso. Mas, como isso só faço quando acho que devo fazer, então nada eu iria fazer, e com que cara não ficariam vocês? Ou eu, pois iriam me chamar de ilusionista ou charlatão.

Portanto, sugiro que comece a desenvolver seu senso de equilíbrio e observe se é sábio ocultar isso ou não. Certo?

— Sim, senhor. — respondeu a moça, envergonhada.

— Nada de constrangimentos, irmã. Por enquanto, tudo é festa. Após provar um pouco do champanhe, o Exu das Montanhas falou:

— Vou retornar ao meu domínio, irmão das pedras. Se precisar de algo, é só ordenar.

— Nada disso! Se eu precisar, pedirei por favor.

— Como queira. Até a vista, irmão das pedras.

— Até... irmão amado! — murmurou ele.

— Por que você ficou triste com a partida dele, meu senhor? — Perguntou a loira.

— Eu gosto dele.

— E de nós, o senhor gosta? — perguntou uma das que iriam carregar a liteira.

— Mas é claro que gosto! Que pergunta!

— Então o que podemos fazer para alegrá-lo novamente?

— Vou lhes mostrar algo que devem manter em segredo, certo?

E o mestre da Pedra de Fogo, devagar, se despiu de suas vestes e, mostrando suas pernas roxas, falou:

— Só me mantendo nesta posição não sinto dores horríveis. É por isso que só fico sentado. Mas algo está me incomodando muito desde que me posicionei assim.

— O que o incomoda, meu senhor?

— O meu sexo. Antes, minhas energias fluíam naturalmente e se descarregavam no solo. Mas com estes bloqueios nas pernas, elas

não estão sendo descarregadas e sinto meu sexo latejar incessantemente.

— O que podemos fazer para aliviá-lo deste incômodo?

— O que uma mulher pode fazer por um homem. Se isto não fôrem incômodo para vocês, é claro!

— Mas ele está em repouso, mestre.

— Eu o estou contendo, irmã. Mas desde que vi vocês assim, nuas em pêlo, o incômodo aumentou muito. E bastará eu liberar este meu sentido para ele se tornar totalmente ativo.

— Posso acariciá-lo? — perguntou a loira.

— Não a incomodo?

— Eu desejo, amo. Quero ele ativado para poder amá-lo como só uma mulher pode.

— Então, tudo bem, querida!

Aquilo era novo. Era diferente de tudo o que havia vivenciado no corpo carnal, ainda que sentisse aquele espírito feminino como a mais carnal e sensual das mulheres.

Um universo de sensações novas havia sido aberto para ele, que murmurava coisas indescritíveis, pois tudo era tão parecido mas, no entanto, incomparavelmente superior ao que conhecera quando vivera no plano material.

Então sua mente, tão arguta e interrogativa e que não havia descansado um só minuto desde que desencarnara, deixou de procurar respostas e mergulhou fundo neste novo mistério da vida, no qual todo o seu ser imortal estava ativado e a gerar energias novas, poderosas e irradiantes. Os elementos nele existentes agora se mostravam presentes em todo os sentidos e fluíam com intensidade e naturalidade. E um ser novo, leve e irradiante desdobrou-se desde a semente original até os limites daquele seu corpo espiritual humano alquebrado.

Então, no mais humano dos impulsos, aquele ser sonhou estar amando uma bela mulher em um leito macio, e com um movimento de sua mão direita fez surgir uma cama, um colchão

macio coberto com um lençol de cetim. E sem soltá-la dos seus braços, levantou-se, caminhou até o leito e ali a amou, amou e amou. E quando a viu totalmente saciada e extasiada, e impossibilitada de continuar a receber suas energias, dela se soltou e levou outra daquelas lindas garotas para o leito e a amou com ardor e envolvimento, com calor e ternura porque ela, que assistia sua transformação, assim como a da loira em seus braços, derramava lágrimas tal era a emoção que dela se apossara. E ela o acolheu do mesmo jeito. E a um êxtase indescritível ela foi conduzida assim que o acolheu inteiro em sua fruta, àquela altura, totalmente excitada e caudalosa.

Ela murmurou palavras soltas que, se não formavam frases, exprimiam as sensações que vivenciava e os sentimentos que aquele novo ser despertava nela.

Ela vivenciava o gozo de um prazer intenso, total, novo e extasiante. E ela o amou como antes nunca havia amado ou conseguido amar.

Aquele ser era diferente de todos os que ela havia conhecido e tentado amar ou com eles se relacionar. E, chorando de prazer, alegria e satisfação, ela o acariciava, beijava e o apertava em seus braços como se nunca mais fosse se separar dele. Procurava segurá-lo para que dali nunca mais saísse, pois outro igual ela jamais havia visto, sentido ou recebido no seu íntimo.

Mas após um certo tempo, também se sentiu incapaz de reter e absorver todas as energias que aquele ser diferente derramava no seu íntimo, e que alcançava todos os seus sentidos. E ela cedeu o leito a outra, que algum tempo mais tarde a outra o cedeu.

Em uma sucessão ininterrupta, todas elas vivenciaram até seus limites o prazer puro que aquele ser, tão humano, e, no entanto, tão diferente, lhes proporcionava.

E após todas estarem adormecidas, e totalmente satisfeitas, ele as contemplou com amor, muito amor. E as abençoou como fazia com seus jardins e pomares que tanto o encantavam. Abraçou-as uma a

uma. E tocou com ternura naqueles frutos carnudos e suculentos que haviam se aberto diante dos seus olhos. E os acariciou com os olhos e com os dedos, sentindo-os como algo novo, diferente e atraente, muito atraente mesmo!

Só então olhou para o próprio corpo e viu que suas pernas haviam se regenerado e seu espírito estava perfeito.

E ele caiu de joelhos e chorou de alegria por não sentir dor. Agradecido, elevou os olhos para o alto e, soluçando, exclamou:

— Obrigado, senhor! — então abaixou a cabeça e continuou a chorar, sentido.

Quando se acalmou, abraçou àquela loira e disse:

—Obrigado, irmã querida! Que Deus te abençoe mil vezes pelo bem que me fez.

—Eu também quero agradecê-lo, pois outra estou me sentindo, meu senhor. Jamais me senti tão bem como neste momento. Sinto-me purificada, equilibrada e satisfeita.

— É assim que me sinto, querida! Um peso imenso foi eliminado do meu ser quando a senti tão intensamente.

— Por que o meu amado senhor é assim, tão diferente dos outros espíritos?

—Isso é um mistério, querida. O que importa é que estamos bem.

—Quero ficar contigo para sempre, amado senhor.

—Ficarás, querida!

—Sou tua em todos os sentidos, meu amado senhor. Possua-me quando desejares, sim?

—Não esquecerei estas suas palavras, minha amada!

E ele reagiu imediatamente, quase a levantando no ar. E impossível a ela seria resistir ao poder daquele ser, que mal encostou no seu corpo e já a conduziu a um êxtase explosivo. Ela nada mais fez além de abraçá-lo.

E aí tudo recomeçou com todas novamente e, quando a última delas adormeceu em seus braços, ele viu que poderia continuar a trocar energias por tempo indefinido com quantos espíritos

femininos desejasse, pois, nesse sentido, suas fontes energéticas eram inesgotáveis.

Viu, de repente, abrir-se aos seus olhos, razão e todos os outros sentidos, o grande mistério de sua vida. E, sentando-se, a ele se entregou e pelo seu mistério foi possuído por inteiro e em todos os sentidos. Aí seu ser imortal explodiu energeticamente na forma de luzes e cores. E quando foi devolvido à sua vibração anterior, ele era um ser totalmente diferente.

Seus olhos eram penetrantes e impenetráveis. Seu corpo espiritual estava modificado. Agora apresentava uma aparência jovial, mas madura. Seus cabelos encrespados formavam ondulações próximas de uma cascata dourada.

E todo o seu ser era viril, extremamente viril.

Ele irradiava uma energia que anulava todas as outras à sua volta.

E seu magnetismo subjugaria o de qualquer outro ser.

Ao mover suas mãos, elas deixavam um fecho luminoso, colorido e energético por onde passavam. E, ao olhar-se, viu-se como um mistério sagrado que não deveria ser ostentado por puro deleite.

Não. Agora ele se conhecia. E sabia que estava possuído por um mistério da vida.

E quando olhou para as "garotas", viu que elas o olhavam com outros olhos. Eram de puro respeito aqueles olhares. E uma a uma, elas vieram saudá-lo. E após abraçá-las mais uma vez, cobriu-as com vestidos que ocultavam totalmente seus corpos espirituais. E, após vesti-las, calçou seus delicados pés com calçados delicados e as armou com armas que só ele possuía. E por fim, cobriu-as com capas negras por fora e vermelhas por dentro, e um símbolo poderoso tinha aquelas capas. Aí ele disse:

— Estas vestes, só se eu lhes ordenar, querer ou desejar, as despirão, pois as assumi como minhas, e a outro não se entregarão enquanto as sustentar como vosso senhor. E me servirão com lealdade, obediência e humildade, pois até nosso único Senhor, no decorrer dos tempos, as conduzirei, amadas minhas.

—Assim será, amado senhor nosso.

—Agora vou me vestir com uma veste que oculte meu corpo espiritual e me faça ficar de acordo com o plano onde meu domínio se localiza.

—Por que, amado nosso?

—A lei me enviou até aqui por várias razões. Antes de conhecer todas elas, daqui não sairei. Só não conseguirei isso se me mostrar assim, como um anjo.

—Irradia tanta luz e tantas energias, amado senhor!

— Graças a vocês, amadas irmãs. Agora, às minhas vestes! E o mestre da Pedra de Fogo irradiou com a mão esquerda uma veste que o cobriria desde o pescoço até os pés. Ela era toda negra. Tão negra que chegava a reluzir. E a vestiu, apagando imediatamente sua luz. Plasmou outras energias, e sapatos pretos e lustrosos surgiram. Aí, plasmou luvas e meias brancas e uma bengala de prata com apoio de ouro.

Mais um chapéu todo negro e de abas largas ele plasmou, justamente com uma capa preta por fora e vermelha por dentro, que vestiu, perguntando:

— Como estou, irmãs amadas?

—Lindo, mestre da Pedra de Fogo! Lindo como nunca antes outro eu havia visto. — respondeu a loira.

—Será que assim conquisto algumas das grandes senhoras das trevas?

—Tolas serão elas se não quiserem descobrir o que estas vestes ocultam, querido senhor. Mas, com que propósitos?

—Ainda não sei ao certo. Mas, no tempo certo, saberei. Agora preciso ser encaminhado a uma linha de ação da Lei para poder chegar ao meio humano sem chamar a atenção dos senhores do alto.

—Por quê, querido? — perguntou outra delas, ajeitando meio de lado o chapéu de abas largas e acrescentando: — Assim ficas mais charmoso, amor nosso!

— Fico, é?

— Sim, amor. — respondeu ela, apertando-se contra o corpo dele.

— Eu sugiro que fales com nosso antigo senhor, amor nosso! Ele poderá encaminhá-lo à linha que serve e, daí em diante, é só aguardar que venham requisitá-lo para que se integre a uma falange ou legião.

— Ótimo. Vamos até ele?

— Não ia organizar seu domínio, amor?

— Você irá organizá-lo, amada minha. Eu acredito que você tem um potencial ainda não aproveitado.

— O que faço?

— Comece a recolher para o abrigo interno os espíritos sofredores.

— Qual é o abrigo, amor?

— A porta à direita. São quartos com leitos para acomodá-los. — Assim farei, amado senhor. Com sua licença!

— Pode ir, querida. Faça um bom trabalho.

— Ainda se orgulhará de mim, meu amado senhor!

— Já me orgulho, querida. Mas isto não é o suficiente.

— O que será suficiente?

— Você ser amada com o ardor do fogo divino do divino amor do nosso Senhor.

— Ensina-me?

— Terei grande satisfação em ensinar isto a vocês todas, queridas irmãs. Há um tempo para nos amarmos em um sentido ou em outro. Mas o tempo todo é o tempo que o nosso Senhor quer nos amar. E se nos conscientizarmos disso a tempo, então temos todo o tempo do mundo para sermos amados pelo nosso Senhor e amado Criador!

Quando ele parou de falar, manteve os olhos fixos nos dela. Ela começou a soluçar e a derramar lágrimas que correram pelas faces rosadas. Ele retirou do bolso um lenço vermelho e as secou com ternura. Aí a abraçou apertado e murmurou no ouvido dela:

— Deus te ama, irmã querida. Nunca te esqueça disso, está bem?

— Nunca me esquecerei, meu luminoso anjo do amor à vida! É tão bom ouvi-lo quanto ser abraçada ou possuída pelo seu amor. Para todo o sempre quero ser uma das tuas.

— Já é, querida. Agora vá, sim?

— Quando o verei novamente?

— Este aposento está aberto a você e suas irmãs. Mas lá no abrigo, estaremos juntos por muito tempo.

— Posso beijá-lo?

— Eu já não estava resistindo mais, amada minha.

— Aqui sempre estarei quando me desejar, meu amor!

— Não me esquecerei disso, querida.

— É para não se esquecer que vou lhe dar o meu mais apaixonado beijo, meu amor!

E ela deu seu mais apaixonado beijo. Depois foi fazer o que ele havia ordenado.

Outra ele indicou para ser a guardiã do palácio. E as outras o acompanharam até o domínio do Exu Sete Montanhas que, ao vê-lo, não o reconheceu. Mas após uma comunicação visual, com ele se recolheu. E quando retornaram, foi para levá-lo até o guardião da Lei a que estava subordinado.

Como o acaso não existe, não só foi aceito como indicado para assumir um grau auxiliar ao lado de um médium iniciante.

Após alcançar o meio humano terreno, um sorriso discreto aflorou em seus lábios. Logo iniciaria por onde havia parado. E após conhecer os companheiros e se apresentar como Exu da Pedra de Fogo, retornou ao seu domínio.

Já nele, chamou um dos guardas do seu domínio e o preparou para ir postar-se à esquerda do médium e acompanhá-lo dali em diante até que ele, o mestre da Pedra de Fogo, fosse solicitado para trabalhos "pesados".

Após dar uma olhada geral em seu domínio, foi ver como ia a moça que estava alojando os que eram espíritos sofredores.

Ela permaneceu ao lado dele, enquanto ia examinando um a um, aqueles infelizes espíritos caídos em seus domínios. Em dado momento, murmurou:

— Eis um vasto campo de estudos dos sentimentos, sentidos e espíritos humanos. Vou me dedicar a estudá-los a fundo, e caso algumas de vocês queiram, também poderão fazê-lo, irmãs.

Não é preciso dizer que elas se entregaram ao estudo orientadas por aquele ser que elas conheciam a "fundo", amavam, admiravam e o tinham na conta de um amado senhor, Anjo da Vida.

A ensiná-las, assim como a aprender, ele se dedicou totalmente até esgotar o assunto. E quando sentiu que já dominavam um vasto campo do conhecimento, deu início ao tratamento daqueles espíritos sofredores, que após serem curados, eram encaminhados à porta à esquerda, à construção anexa ao palácio, onde começaram a formar falanges auxiliares sob a supervisão dos seus guardas especiais.

Ali aprendiam uma doutrina criada pelo mestre da Pedra de Fogo que ensinava de tudo um pouco, mas que exigia deles muito e em todos os sentidos.

E falanges foram formadas unicamente a partir de espíritos sofredores, que se recuperavam de suas quedas sob uma nova visão da vida: era a visão da Lei.

Não é preciso dizer que, de vez em quando, o mestre levava para seu aposento toda uma falange de espíritos femininos e dele elas só saíam quando estavam totalmente transformadas. E ele as conduzia a uma nova visão de seus corpos e sentidos humanos.

Para ele não importava a aparência delas ao entrarem no seu aposento. O que importava era como dele saíam. E todas saíam rejuvenescidas, reequilibradas, emocional e espiritualmente. E tinham como orientação procurarem se ligar aos espíritos masculinos do seu domínio e alcançarem um mínimo de satisfação e prazer numa convivência equilibrada pela doutrina ali

imperante, que dizia no seu postulado básico que se só existe um Senhor, então ninguém era dono de ninguém.

Quanto aos espíritos masculinos, aprendiam a olhar os espíritos femininos como seus iguais, pertencentes a uma mesma espécie: a humana.

Mas a doutrina também ensinava a todos que deviam se auto-analisar e descobrirem seus dons naturais, independentemente do que suas obrigações exigiam deles. Cada um deveria fazer o que lhe era ordenado, mas nunca poderia se esquecer do que realmente gostaria de fazer.

Enquanto não vinha a solicitação da linha auxiliar do médium, o mestre se dedicou a estudar as energias dos planos negativos. Conheceu os grandes guardiões de muitos domínios das trevas e com eles estabeleceu uma certa "amizade" que permitia aos seus auxiliares apanharem aqui e ali alguns espíritos sofredores esgotados em todos os sentidos.

Eles eram levados àquele abrigo à direita do palácio e, aos poucos, iam sendo curados. Mas a cura principal era realizada pela doutrina do mestre da Pedra de Fogo, que sempre era bem recebido pelos grandes senhores das trevas.

Quando saía do seu domínio para estudar, sempre se fazia acompanhar por alguns auxiliares, aos quais ia ensinando a ter uma nova visão das esferas negativas. E se tornavam conhecidos dos senhores das trevas.

Como em cada domínio que visitava deixava algum presente, o Mestre, como era conhecido, pode-se dizer que sempre era aguardado.

Mesmo os mais intratáveis senhores de domínios das trevas apreciavam suas visitas e, só após muitas tentativas de retê-lo mais um pouco, é que o deixavam retornar ao seu domínio nas pedreiras.

Uns lhe ofereciam espíritos escravos, outros, seus "serviços" para qualquer eventualidade, pois se sentiam bem ao lado do Mestre da Pedra de Fogo, um ser "diferente", como diziam.

E algumas das grandes senhoras das trevas abriram algo mais que seus domínios às incursões dele, que adentrava por inteiro e em todos os sentidos nessas aberturas por elas a ele franqueadas.

Só que, após a primeira incursão dele por essas aberturas, elas se transformavam totalmente e passavam a visitá-lo com frequência no palácio da Pedra de Fogo.

Não se pode negar que ele tinha uma vida agitada nesse sentido, ou em muitos outros. Mas nesse, em especial, ele era muito ativo. E, além de respeitado, era amado também por espíritos femininos embrutecidos pelo tempo. Mas eram ternas quando estavam diante dele, que as tratava como seres humanos. E eram generosas com ele, pois ofereciam suas auxiliares às incursões dele só para retê-lo em seus domínios ou para agradá-lo e ver se acalmavam um pouco o fogo daquela pedra mágica, que quanto mais ativa, mais agradável e desejável se tornava. E ele as vestiam com belos e vistosos vestidos, calçados e jóias. A algumas, até distinguia com uma perfumada rosa nos cabelos. Mas isto, só a algumas ele dava.

O mestre incursionou até os limites humanos das trevas antes de ser solicitado pelo Mentor do médium. E foi ao encontro dele, levando em sua companhia alguns auxiliares. A loira não deixou de estar ao seu lado um instante sequer enquanto aguardava a chegada do Mentor ou Guia de luz responsável pelo médium.

E quando ele surgiu, acompanhado de muitos outros espíritos de luz, assim que olhou para a loira, exclamou:

—Filha? É você mesma, minha filha?

—Pai!!! — exclamou ela assustada, admirada e emocionada.

— Meu Deus! Como você está linda! Voltou a ser minha adorada Priscila!

Bom, foi comovente ver aquele reencontro de dois espíritos afins separados há muito tempo. E o que talvez viesse a ser um encontro um tanto "frio", logo se tornou em um "caloroso" reencontro.

Quando aquele Mentor falou com o Mestre da Pedra de Fogo, já o olhava com outros olhos. Além da alegria por ver sua filha totalmente reequilibrada ao lado daquele ser todo vestido de preto, notou que o magnetismo dele era impressionante, quase o subjugando. Ficou curioso sobre aquele Exu da Pedra de Fogo, que não ostentava arma alguma. Só uma bengala ele trazia na mão direita, e a empunhava com certa elegância, diferenciando-o ainda mais.

Após falar sobre o que ali os reunira, perguntou:

—Gostaria de me perguntar algumas coisas, irmão Exu da Pedra de Fogo?

—Não é necessário. O senhor foi muito claro nas suas palavras e no objetivo quanto aos meus deveres e obrigações.

—Seremos muito exigidos, irmão Exu.

—Tentarei não decepcioná-lo, meu senhor. Como sinto que o reencontro com sua filha o alegrou, leve-a contigo para que juntos possam restabelecer laços a muito soltos.

—Obrigado, irmão. E sei que, por Lei, minha filha pertence a você.

—Ela pertence ao meu Senhor, que também é teu Senhor. De mim, ela é uma auxiliar extremamente capaz.

—Mas, e quanto às leis das trevas? — quis saber o mentor.

—Tão bem quanto eu, ela as conhece. E sabe o que tem de fazer no decorrer dos tempos se não quiser ser incomodada por elas.

—É, eu as conheço, papai. E feliz estou, pois creio que foi por me harmonizar com o todo da Lei é que o reencontrei, amparada pelo meu amado mestre.

—Então vamos, filha. Sua mãe ficará feliz quando te ver tão bem e tão equilibrada.

— Só um instante, papai. Vou me despedir do meu amado mestre!

E quando ela abraçou e beijou aquele ser tão estranho com carinho e paixão, não foram poucos os espíritos de luz que olharam curiosos aquele gesto. Após ela se afastar do seu amado mestre, este tocou com a ponta dos dedos na aba do chapéu em sinal de despedida: Calmamente se virou e caminhou rumo à saída, onde seus auxiliares o aguardavam.

Ele finalmente tinha acesso ao meio material humano e ao plano espiritual humano. E assim, em vez de retomar ao seu domínio em um plano espiritual negativo, preferiu "visitar" antigos locais conhecidos. Só então, depois de muitos anos, aquele ser procurou rever familiares e locais onde vivera quando possuía um corpo carnal.

Passou o resto da noite revendo tudo e todos que um dia conhecera. E como viu que a vida corria segundo suas leis imutáveis, retornou ao seu domínio, onde muitos amigos o aguardavam, ansiosos por saber como havia sido seu primeiro contato com um mentor espiritual das linhas de Lei da Umbanda Sagrada.

Seu palácio era mais ou menos como um local de encontro neutro, onde muitos dos grandes senhores das trevas se reuniam sem se hostilizarem. E ali também se reuniam muitos Exus e Pomba giras de Lei, ligados às linhas de Lei atuantes no plano material da vida. O Mestre, como era chamado, sempre usava de seus poderes e proporcionava uma reunião agradável, em que fazia surgir do nada deliciosas bebidas e "comidas" do agrado dos amigos das trevas. E sempre algum dos convivas providenciava algum espetáculo do agrado do mestre.

Mas o que apreciavam era estar com ele e ouvi-lo quando se punha a falar. Mas muito meditativo o mestre estava desta vez. E só animou-se um pouco quando uma das suas amantes nas trevas o brindou com uma dança exótica, e porque não, erótica!

O fato é que ele rememorava seus tempos de médium e o que havia feito como tal. Também relembrava dos amigos espirituais, tanto à esquerda quanto à direita. Assim como dos inimigos!

E quando ficou a sós, releu mais uma vez aquela biografia sua feita por irmãos na luz da Lei e da Vida. Após a leitura, meditou profundamente sobre todos os acontecimentos ali relatados de um modo direto, preciso e objetivo.

Ao sair de sua meditação, olhou para a "moça" que alguém havia deixado ali e sorriu-lhe. Ela, com passos lentos, aproximou-se e perguntou:

— Posso servi-lo de alguma forma, mestre?

— Como é o seu nome, irmã querida?

— Mary, meu senhor.

— Mary! Bonito nome o seu. Onde viveu sua última encarnação, querida?

— Parte dela foi na Inglaterra, onde nasci. O restante foi na América, onde meus pais se estabeleceram quando eu tinha 18 anos.

— Fale-me de sua última encarnação, Mary. Fale também de como eram a Inglaterra e a América naquele tempo, por favor!

— Tenho recordações nada agradáveis daquele tempo, meu senhor.

— Partilhemos um delicioso champanhe, Mary. Assim, saboreando algo agradável, não sentirá muito ao recordar coisas desagradáveis, certo?

— É o mais sábio dos senhores das trevas. Outro igual jamais vi.

— Eu não sou especial ou diferente deles, Mary. Apenas procuro entender meus semelhantes e conhecer o meio onde estou.

— Não é não. O senhor, ainda que viva em um domínio das trevas, paira acima das próprias trevas. Está aqui por alguma razão que desconhecemos. Mas todos nós sabemos que não vieste às trevas por débitos diante da Lei. Por que está aqui, meu senhor?

— Já encontrei muitas razões, querida. E cada uma delas justifica minha permanência aqui. Mas a que mais lógica me parece e a mim me mostra é que a Lei quer que eu conheça as esferas negativas, os planos da Lei e da Vida nelas existentes, e os irmãos e irmãs que nelas vivem.

— Como o senhor nos vê?

— Como irmãos e irmãs. E como seres humanos que, se nas aparências parecem desumanos, no entanto só querem uma oportunidade de retomarem suas caminhadas equilibradas diante da Lei.

— Mas existem muitos que são ódio puro, meu senhor!

— É verdade. Mas se assim são, é porque ainda estão descendo. Quando encontrarem seus pontos de atração negativa que os reterão, subjugarão e os vergarão, então relembrarão de tantas coisas vivenciadas no passado que sentirão saudades do meio humano. É tudo uma questão de tempo, querida!

— Sua visão das trevas e sua compreensão dos que nelas vivem é o que o tornam tão especial para nós, meu senhor.

— Será?

— É sim. Os que aqui vivem o olham como um anjo que desceu aos infernos para conhecer os demônios, e que acabou gostando deles. É isto, não?

— De certa forma, sim.

— Por que, meu senhor?

— São meus irmãos, Mary. E eu os amo e os compreendo.

— O senhor me compreende?

— Sim.

— E me ama?

— Eu a amo muito, irmã querida.

— Mesmo eu com esta aparência atraente de mulher a ocultar um espírito totalmente deformado?

— Sim, pois na verdade você é um ser humano que, por razões negativas, deformou seus sentidos e, em consequência, teve o teu espírito humano deformado. Mas em um ponto indefinido, onde está tua origem divina, um lindo ser luta para retornar à vida plena. E se isto não aconteceu ainda, é porque você teme se entregar por inteira e em todos os sentidos a quem quer que seja. Não se entrega às trevas nem à luz. Prefere a dubiedade e isto a

impede de afundar de vez ou a começar a se elevar rumo ao seu ponto de equilíbrio no meio humano.

— Como chegar a este ponto se estou presa às trevas, meu senhor?

— Conhecendo as razões negativas que a subjugaram, Mary. E depois de conhecê-las, procurar conhecer a si mesma, pois só assim, onde quer que esteja, estará em equilíbrio.

— O senhor me ajuda?

— Claro que sim. Afinal, aos olhos do nosso Criador, é minha irmã e merece todo o meu apoio.

— Eu confio no senhor.

— Eu sinto que confia, irmã amada.

— Sou muito solitária, meu senhor.

— Acredito que é.

— Pode ou deseja ocupar este vazio de minha solidão, meu senhor?

— Só farei algo nesse sentido caso seja esta a sua vontade; caso contrário, não quero ser mais um incômodo para você, querida irmã.

— Eu sinto que não me incomodará, anjo da misericórdia divina.

— Por que me chama de anjo da misericórdia, irmã amada?

— Eu estou cansada, muito cansada, de viver como tenho vivido. E o meu senhor sabe disso ainda que, por ser dotado de uma sensibilidade extra-humana, não toca no meu maior incômodo, que é o de dominar um dos maiores tronos das trevas. Depois talvez eu não encontre mais sentido para nele permanecer.

— Eu sinto que você está muito cansada, irmã amada.

— Foi muito difícil para mim vir até o senhor, mestre da Pedra de Fogo.

— Acredito que foi.

— Mas eu vim, meu senhor. E sozinha!

— Foi muito difícil. Mas agora que deste o primeiro passo, deve dar o seguinte, querida e amada irmã.

— Como consegui-lo, mestre?

— Voltando a ser o que nunca deixou de ser.

— O que é que sempre fui, mestre meu?

— Um espírito muito sensível, mas que anulou sua sensibilidade quando se tornou insensível.

— Desperte em mim esta sensibilidade, anjo da misericórdia!

— Primeiro, quero despertar o ser que se tomou insensível quando a tocaram com insensibilidade, querida. Foi naquele toque brutal que você se tornou insensível.

— Foi sim.

— Venha, vamos até onde me falará das coisas que mais teme, está bem?

— Não sei se conseguirei me mover daqui, meu senhor. Sinto-me paralisada!

— Posso levá-la em meus braços?

— Faça isto por mim, anjo meu.

E ele a apanhou em seus braços e a levou ao seu mais íntimo aposento, depositando-a em um macio leito.

— Estou com frio, muito frio, meu senhor.

— Eu senti isto quando a apanhei nos braços. Posso aquecê-la, se desejares.

— Eu quero ser aquecida, pois este frio está me paralisando já há algum tempo.

— Vou aquecê-la com o calor do meu corpo, querida.

O mestre da Pedra de Fogo despiu suas vestes e se deitou ao lado dela e a abraçou. Mas, de repente, aquela mulher se transformou em uma enorme cobra negra e deslizou pelos braços dele, posicionando-se para um bote certeiro contra ele. Mas, ao se lançar para a picada, o colchão macio cedeu e ela errou o alvo e cravou suas enormes presas na coxa direita dele, que emitiu um lancinante grito de dor, e a segurou firme até que a sua bocarra se abrisse e soltasse sua coxa.

Ela se debatia para se soltar mas, apesar da dor, ele não a soltou. Olhou-a nos olhos e perguntou:

— Agora está satisfeito, irmão de baixo?

— Por que não reagiste, irmão do meio?

— Eu nunca mais reagi aos seus botes desde que o conheci, irmão de baixo. Eu vi quando chegaste na forma de uma mulher. E também vi quando induziste todos a me deixarem a sós com você. Eu também sabia que você tinha vindo para anular meu sétimo sentido. Então não reagi, pois quando você quer atingir alguém, de um jeito ou de outro, atinge. Mas o Criador não lhe permitiu que anulasse meu sexo. Logo, agora, e só agora, o solto, pois o que vier a fazer daqui em diante, por tua conta e risco correrá, uma vez que é a terceira vez que tentas anular o meu sétimo sentido da vida, irmão de baixo.

— Você sabia que era eu quem o havia atingido das outras duas vezes?

— Só quando o vi chegar aqui é que descobri que era você quem vinha tentando anular meu mistério. E, se quase conseguiu, no entanto não conseguiu. E se não conseguiu em três tentativas, eu e você sabemos que na quarta você será punido com a anulação total.

— É, eu sei.

— Ótimo. Agora eu o solto pois sei que os olhos da Lei foram desviados de mim e estão pousados em você.

— É, eu me sinto vigiado, irmão do meio.

— Não foi fácil eu conseguir isto, irmão de baixo. Abdiquei de tudo para chegar a este ponto! Deixei para trás esposa, filhos, irmãos e amigos do plano material. E no plano espiritual deixei tantos irmãos amados só para não torná-los alvos de suas revanches ou acertos de contas. Mas quando veio até aqui, meditei sobre minha vida e reli a minha biografia. E o encontrei em todos os momentos importantes dela, mas frustrantes para mim. É interessante, não?

— Por quê? Você me quer por perto, pois se alimenta de minhas vibrações. Mas quando venho para perto, você faz de tudo para anular-me.

— Você estava me anulando com este seu modo de agir.

— Eu abdiquei da violência e da ignorância. Só dou um passo quando já esgotei tudo à minha volta por meio do conhecimento que vou absorvendo.

— Mas, ao agir assim, sem se revoltar, estás me esgotando e me deixando cansado e desgostoso. Os grandes das trevas, agora encantados por você, já não me olham com medo, ódio ou inveja.

— É, já não o olham assim, irmão de baixo.

— Porquê, irmão do meio?

— É porque eu estou aqui embaixo, irmão. E enquanto eu permanecer aqui, cada vez mais fraco estará e mais e mais cansado irá se sentir.

— Por quê?

— Eu o estou esgotando e absorvendo. Já tomei gosto pelas vestes pretas, pelas moças das trevas e pelos meus irmãos caídos.

Logo, começarei a acreditar que pertenço a este meio para sempre. Aí, você já não terá razões para se sustentar e deixará de existir.

— Não faça isto comigo, irmão do meio.

— Não posso impedir que isto aconteça. Estou cansado de ser perseguido por você e resolvi ficar por perto.

— Volte para o meio humano, irmão do meio!

— Eu não quero.

— Lá estão seus amigos, seus irmãos e seus companheiros! — Aqui também os tenho, irmão de baixo. E os amo como aos que deixei para trás.

— Isto não é justo. Onde está tua combatividade?

— Cansei-me de ser combativo. Hoje, só sou dedicado à Lei e à Vida.

— Mas você tinha iniciativas próprias.

— Já não inicio nada. Apenas dou prosseguimento ao que surge à minha frente.

— Isto não é justo, irmão do meio. Você está me tornando um ser inútil. Esta minha última tentativa foi no sentido de devolvê-lo ao meio humano, irmão do meio!

— Para quê, se o vi nos olhos daquela irmã que usou para incomodar-me?

— Eu só queria despertá-lo para os prazeres existentes no meio humano, irmão do meio!

— Devia ter deixado eles vibrarem a partir do meu íntimo. Mas, ao interferir, transformou-me em ser que só reage ao que me chega.

— É, você não tem mais a livre iniciativa, irmão do meio.

— É certo. Mas se todas as vezes que iniciei algo você me bloqueou, então nada mais inicio.

— Estou inutilizado!

— Paciência, eu também estou!

— Reaja, irmão do meio.

— Não vou reagir, irmão de baixo.

— Eu te devolvo as chaves do seu mistério maior.

— Estou muito bem sem ter que assumir responsabilidades. Faço o que a mim se mostra, e nada mais.

— Prometo não interferir mais nas tuas atribuições em relação ao meio, irmão.

— Agora já não me importo mais, irmão de baixo. E até lhe digo: caso queira, vá até o meio e assuma minhas atribuições humanas!

— Nunca!

— Por que não?

— O meio humano é muito desgastante. Nele, eu ficaria louco em pouco tempo.

— Então, paciência, irmão de baixo. Eu estou muito bem aqui e não preciso do desgaste que você não quer.

— Vamos fazer um trato?

— O que propões?

— Eu não interfiro nas suas ações humanas e nas suas atribuições.

— O que mais?

— Você se afasta dos meus domínios e deixa eu reassumir minhas atribuições, que são as de conduzir pelos caminhos negativos aqueles que se negativaram.

— Tudo recomeçará novamente.

— Não se eu abrir ao teu mistério maior os meus domínios. Aí você não precisará descer até aqui para realizá-lo.

— Logo você se revoltará e reiniciará o meu bloqueio, irmão de baixo.

— Eu lhe prometo que não, irmão do meio.

— Não acredito em promessas. Eu mesmo deixei de cumprir muitas das que fiz!

— Eu juro, irmão do meio.

— Também quebrei juramentos, irmão de baixo.

— O que posso oferecer como garantia de que cumprirei o meu trato?

— Não sei. Eu não me importo com garantias. Na verdade, nada me importa!

— E se eu jurar, pela Lei que nos rege, de só atuar sobre os que virarem as costas a você?

— Isto parece interessante, irmão de baixo.

— Você não virará mais suas costas para nada ou ninguém?

— Preciso meditar se vale a pena assumir esta responsabilidade que tanto me incomodou.

— Terá tudo de volta! E o teu mistério maior se revelará aos teus olhos. O que acha?

— Não sei não...

— Chega de indecisão, irmão do meio! Terá tantas irmãs carentes na tua frente que não saberá qual delas é a mais bela!

— Vou ver antes se vale a pena, irmão de baixo.

— Você está me chantageando, irmão do meio?

— Não estou não. Apenas olho para esta minha perna inutilizada e vejo que não adiantará nada, pois mais uma vez estou paralisado. Logo, a outra também estará inutilizada.

— Por quê?

— Eu quero deixar de ser o mestre da Pedra de Fogo, irmão de baixo.

— Não!!!

— Quero sim. E acho que vou andar por aí até que alguma razão me detenha.

— Não pode fazer isso.

— Por que não?

— Mais uma queda e você irá para as esferas extra-humanas, irmão do meio.

— Isso é interessante. Devem existir coisas novas para eu conhecer nelas, irmão de baixo.

— Se você for para elas, não restará razão para eu existir.

— Paciência, irmão de baixo. Paciência!

— Se você fizer isso, derrubarei todos os que você deixou para trás.

— Isto já não é atribuição minha, irmão de baixo. Outros os estão sustentando na minha fuga de suas perseguições implacáveis. Eles que reajam a você, oras!

— Mas aí me tornarei caçado, pois serei atingido pelos que os servem embaixo.

— Isso já é um problema seu, certo?

— Eu me rendo, irmão do meio. O que queres de mim?

— A paz. Só a paz!

— Eu lhe concedo a paz, irmão do meio. E tudo o mais que já lhe ofereci!

— Aí é você quem está me chantageando, irmão de baixo.

— Eu não posso ficar com o que lhe pertence, irmão do meio. Afinal, eles são atribuições suas, certo?

— Dê-me algum tempo para pensar, certo?

— Não tem mais tempo, irmão.

— Preciso refletir sobre esta minha perna inutilizada pelas suas energias mortíferas.

— Eu as retiro daí.

— Mas aí sentirei mais uma vez a dor dessas suas presas.

— Procurarei ser rápido e indolor. E além do mais, será a última vez que sentirá minhas presas, irmão do meio!

— Então está bem. Mas seja rápido, pois não suporto ser picado!

— Serei, não se preocupe.

E num piscar de olhos, o irmão de baixo retirou suas energias negativas, ou seu veneno, da coxa do irmão do meio, e exclamou:

— Viu só como fui rápido?

— Não sei não. Mas acho que você as injetou em minha coxa só para me obrigar a reassumir minhas atribuições no meio humano!

— Que é isso, irmão! Eu o piquei só porque queria que você reagisse!

— Ainda tenho a impressão de que você está mentindo.

— Não estou. Logo o seu mistério maior se mostrará a você.

— Não posso abandonar agora o mentor que me assumiu como Exu de Lei.

— Agora já não importa mais, pois você já está de volta ao meio. Logo ele o convidará a assumir um grau nas linhas positivas da direita e aí você deixará este domínio nas trevas aos cuidados de algum dos seus auxiliares.

— Você está me tirando tudo, irmão de baixo!

— Não, não! Só estou reavendo algo que está dentro de minhas atribuições. Afinal, quem tem de manter o equilíbrio nas esferas negativas sou eu! Suas atribuições estão nas esferas positivas, irmão do meio.

— Acho que você está armando alguma coisa contra mim, certo?

— É claro que não!

— Quero ver!

— Você verá, irmão do meio.

—Lembre-se de que vou aceitar sua oferta, mas caso eu perceba que você só queria ver-me em campo novamente só para ficar enciumado e com inveja, largo tudo, viro as costas e...

—E...

—Você que se dane com tudo, pois nunca mais me verá.

—Tudo bem! Não se exalte, irmão do meio, pois nunca mais vou bloqueá-lo em sentido algum. Mas vê se não avança muito depressa para que, ao menos, eu possa acompanhá-lo, certo?

—Está bem. Mas vê se não vai me atrasar muito, certo?

—Vou me esforçar, irmão do meio. Mas você não deve se esquecer que enquanto você anda, eu sou obrigado a rastejar, pois não tenho pernas.

—Eu sei disso. Mas se, por tua causa, asas não posso ostentar, também não te esqueças que eu sou o irmão do meio do nosso irmão do alto. Olhes só a minha situação: enquanto tenho de caminhar, ele só tem de bater as asas, pois ele voa!

—Que droga, hein?

—É difícil, certo?

—É sim.

—Então vê se não me incomoda demais, pois além de ter de vigiá-lo para que não me derrubes, ainda tenho de seguir meu irmão do alto, senão o perco de vista.

—Que vida, irmão do meio!

—Oh, céus!!! Que vida!

—Viva! Você está voltando a ser o cara legal que sempre foi, irmão do meio!

—É, estou voltando sim.

—Então vou me mandar, antes que você, espontaneamente, toque fogo em mim, irmão do meio.

—Sem essa, irmão de baixo. O máximo que eu faria é transformá-lo em uma cobra de pedra, e, num descuido qualquer, deixá-lo cair e se partirem mil pedaços. Só isso!

— Ainda bem, Celsus.

— Nada de Celsus. Esse aí ficou para trás.

— Nada disso. O teu mistério maior só se revelará a Celsus, um cara legal, apesar de ser meio idiota!

— Sem ofensas, irmão de baixo!

— Não quero ofendê-lo. Mas se foi Celsus que abriu as portas do mistério, terá de ser Celsus a ocupá-lo.

— Preciso de tempo para voltar a ser Celsus.

— Terá todo o tempo que se fizer necessário.

— Mas...

— Mas, o quê?

— Não conseguirei deixar para trás os meus irmãos daqui.

— Tudo bem, poderá levá-los com você, assim como a este palácio que só me trouxe desgostos.

— Tenho de levar tudo?

— Tudo ou nada, irmão.

— Você me coloca em cada situação, irmão de baixo!

— Não quero ver por aqui ninguém que possa fazê-lo sentir saudades dos meus domínios, certo?

— Mas...

— Eles o admiram, logo, são todos seus!

— Eu sabia que isso não sairia de graça. Tinha um preço a ser pago!

— Não é tão alto assim, se o comparar ao que os gênios das trevas pretendem cobrar para permitirem que você tenha um pouco de paz.

— Qual é o preço deles?

— Não imaginas?

— Sofredores? Espíritos sofredores? Ainda mais?

— Isso mesmo.

— De novo?

— Muitos mais, irmão do meio.

— Oh, céus! Até quando?

— Para sempre, irmão do meio.

— Eu desconfiava de que você tinha um ás escondido para triunfar sobre mim.

— Mas não estou usando de trapaça, irmão do meio. Meu jogo é limpo pois, a partir de agora, as regras serão outras.

— Quais serão as regras, irmão de baixo? — As do meio, irmão do meio.

— Bom, estas pelo menos eu conheço, certo?

— Certo. Agora vê se se manda dos meus domínios!

— Para onde eu vou?

— Aí o problema é seu, certo?

— Bom, deve haver algum plano ainda não ocupado no meio espiritual.

— Seja rápido, irmão do meio!

— Você me apressa porque assim sabe de posso errar, e aí rirá de mim.

— Não é nada disso. Apenas você tem de ser mais decidido, irmão. Trate de sumir da minha vista!

— Vou ver no que dá.

— Você verá, irmão do meio.

Com as mãos espalmadas, o mestre da Pedra de Fogo irradiou forte e viu se abrir na sua frente um campo vazio, que foi absorvendo aquele seu domínio até transportar tudo para uma esfera do meio espiritual humano.

E nesse meio espiritual humano, naquele momento, o sol surgia no horizonte, todo radiante, iluminando o interior do palácio. Imediatamente os espíritos abrigados no interior dele, à sua direita e à sua esquerda, começaram a sair para o campo, incrédulos com o que acabara de acontecer.

Quando viram o mestre da Pedra de Fogo caminhar pelos campos, cercaram-no e perguntaram:

— O que aconteceu, mestre amado?

— Nós fomos expulsos do inferno, irmãos!

— Por quê?

— Acredito que é porque eu estava humanizando um meio naturalmente desumano.

— Que bobagem, mestre!

— Será uma bobagem, irmão amado?

— Bom, talvez o senhor esteja certo, certo?

— Certo. Agora vê se vão preparar-se, pois nosso trabalho irá começar esta noite.

— Que trabalho?

— Vocês verão, irmãos. Vocês verão! Mas agora, lá mais adiante, tem um hospital que poderá nos ser muito útil. Vou ver como ele está.

— Volte logo, mestre amado!

— Eu voltarei antes do anoitecer, irmãos!

"O mestre fez um movimento com a mão direita e fez surgir umas roupas iguais às que usava quando deixara o hospital. Aí caminhou firme rumo ao hospital.

Mas às suas costas, seu irmão de baixo, oculto numa esfera negativa, olhava-o pensativo e dizia:

— Esse meu irmão do meio, por ser meio anjo e meio humano, deve ter usado de sua safadeza humana e me iludido. É claro! O safado, enquanto dizia nada querer, tudo levou consigo! Que desgraçado! Iludiu-me como um pato, e um pato estou me sentindo neste momento. Mas deixa estar. Ainda lhe aplico um golpe de mestre um dia desses. Ah, se aplico! Miserável! Com aquele jeito de coitado me fez abrir mão de espíritos que me custaram uma eternidade para derrubá-los! E ainda por cima, os gênios das trevas o amam e vão inundá-lo de bens divinos, que são os espíritos caídos nas trevas. Que droga! Oh, infernos! Mil vezes infernos! Um dia você me paga, safado irmão do meio!"

E a cada passo, o mestre da Pedra de Fogo ia mais e mais se parecendo com Celsus. E quando chegou ao hospital, tinha a aparência de Celsus.

Quando viu um irmão médico, perguntou:

— Irmão amado, onde encontro o doutor Fábio?

— Ele precisou sair.

— E a filha dele, onde ela está?

— No aposento dela, creio eu, irmão.

— Obrigado, irmão. Muito obrigado!

Quando estava perto do aposento dela, fez surgir na mão direita uma bengala, e começou a mancar apoiado nela.

Bateu na porta e, quando ela a abriu, exclamou:

— Oh, céus! Você voltou!

— Sim, irmã amada. Preciso de sua ajuda.

— Venha, deite-se naquela cama que o ajudado imediatamente!

— Mas...

— Nada de mas. Desta vez não vou negar o auxílio que tanto precisa, irmão amado!

Celsus se deitou e ela, com delicadeza, retirou sua camisa e depois a calça. Mas ao olhar para as pernas e vê-las intactas, perguntou:

— Você não disse que precisava de ajuda?

— Eu disse, claro!

— Mas você está em perfeito estado!

— Estou sim. A ajuda será para hoje à noite.

— Bom, então trate de vestir sua roupa, Celsus.

— Eu não vou vesti-la, Sueli.

— Por que não?

— Não fui eu quem a tirou!

— Mas...

— Nada de mas. Se quiser, você que a vista em mim ou...

— Ou...

— Dispa-se também e venha para este leito de uma vez por todas. Já chega de ficar aí a desejar-me e contemplar-me, e nem ao menos se mostrar.

— Você está falando sério?

— Claro!

—Ainda me considera uma enfermeira tarada?

— Sim. Mas também muito atraente!

—Ah! Pois vou lhe mostrar do que esta tarada é capaz, Celsus.

— Verdade?

— Você verá, querido! — exclamou ela, despindo-se. E ao ver o seu lindo corpo, ele exclamou:

— Oh, Celsus... que idiota que você foi!

—Também acho! —exclamou ela, já o acariciando muito intimamente, enquanto ele não conseguia desviar os olhos do peito dela, onde uma estrela dourada era visível. Até que, por fim, mais uma vez ele exclamou:

—Mil vezes céus! Por que você não me disse que possuía a estrela no peito, criatura?

—Eu não podia dizer-lhe. Você, em vez de olhar-me melhor preferiu chamar-me de tarada, oras!

— Que idiota eu fui!

—Bom, antes que você fuja novamente, vou prendê-lo aqui de tal forma que nunca mais irá querer fugir, meu amado senhor!

— Com o que você irá me prender, querida?

—Com isto! — exclamou Sueli, rindo enquanto o abraçava e o apertava contra si. E ele, já extasiado pelo prazer e pela emoção, exclamou:

— Oh, Celsus!!!

FIM

como é o caso dos Deficientes Visuais e como forma de acesso e divulgação para todos.

É vedado o uso deste arquivo para auferir direta ou indiretamente benefícios financeiros.

Lembre-se de valorizar e reconhecer o trabalho do autor adquirindo suas obras.

Visite nossos Blogs:

<http://www.manuloureiro.blogspot.com/>

<http://www.livros-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesdeepoca-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.romancesobrenaturais-loureiro.blogspot.com/>

<http://www.loureiromania.blogspot.com/>